CCDR LVT
Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo, I.P.

ECPC LVT

agosto | 2026

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DAS COLHEITAS

UNIDADE AGROALIMENTAR E LICENCIAMENTO
DIVISÃO AGROALIMENTAR E DESENVOLVIMENTO RURAL



O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal que visa a recolha e disponibilização de informação de carácter previsional, relativamente a áreas, rendimentos e produções das principais culturas.

Estado do tempo e a sua influência na agricultura em geral

No **Oeste**, as temperaturas máximas apresentaram uma grande estabilidade ao longo do mês e valores próximos dos normais para a época, com exceção da terceira semana em que ocorreu um período mais quente, com registo de temperaturas entre 34ºC e 36ºC. Os valores médios da temperatura máxima foram próximos das normais climatológicas de referência (cerca de +0,3ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e +1,2ºC na estação de Alcobaça). As temperaturas mínimas tiveram um comportamento instável. Até à terceira semana mantiveram-se geralmente superiores ao normal e nalgumas noites as temperaturas foram muito elevadas. A partir do dia 21 registaram-se descidas significativas das temperaturas mínimas. A partir dessa data, as noites mais frescas intercalaram com algumas noites bastante frias para este período do ano. Os valores médios da temperatura mínima foram superiores aos normais para a época (cerca de 1,8ºC na estação de Torres Vedras/Dois Portos e 2,3ºC na estação de Alcobaça). As amplitudes térmicas diárias (diferença entre as temperaturas máxima e mínima observadas no mesmo dia) não foram muito acentuadas na maior parte dos dias. Os valores mais elevados de 17,3ºC, 17,8ºC e 13,1ºC, registaram-se respetivamente nas estações de Torres Vedras/Dois Portos no dia 16, de Alcobaça no dia 17 e de Santa Cruz (Aeródromo) no dia 22.

Os dias decorreram principalmente com céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade junto ao litoral, durante a manhã ou ao final da tarde. Foi exceção o período entre os dias 20 e 27, em que o céu esteve frequentemente muito nublado. Na maior parte dos dias houve formação de neblina ou nevoeiro matinal, favorecendo a prevalência de níveis elevados de humidade relativa do ar.

O vento foi geralmente fraco a moderado do quadrante oeste, tendo em muitos dias apresentado forte intensidade junto ao litoral.

Entre os dias 23 e 27 ocorreu precipitação sob a forma de períodos de chuva ou de aguaceiros, por vezes fortes e acompanhados de trovoadas. Nesse período do mês a precipitação acumulada alcançou valores muito superiores aos normais para a época.

Até meio da terceira semana o teor de água no solo manteve-se em linha com o mês anterior e com uma ligeira expansão da área ocupada pelo índice CC [11, 20]. A partir desse período verificou-se alguma recuperação do teor de água no solo, que se acentuou a partir do dia 23, devido à queda de precipitação. No final do mês, os solos situavam-se predominantemente no índice CC [21, 40]. No entanto, os concelhos do Bombarral, Cadaval, Lourinhã e Alenquer apresentavam algumas áreas ainda no índice CC [11, 20]. Os concelhos do Cadaval e Bombarral apresentavam também áreas no índice CC [1, 10]. Nos concelhos da Nazaré, Alcobaça e Torres Vedras, observavam-se já áreas no índice CC [41, 60].

Durante o mês houve disponibilidade de água para as culturas instaladas e para o abeberamento das espécies pecuárias, embora alguns produtores tenham sentido necessidade de adotar uma gestão mais restritiva da rega. À semelhança do mês anterior, algumas captações acusavam menor quantidade de água e uma qualidade inferior, com elevado teor de sais. Os níveis de armazenamento eram baixos em algumas charcas. As principais linhas de água superficiais apresentavam caudais mais reduzidos. As reservas de água subterrâneas mantinham níveis superiores ao normal para a época. As condições do tempo até à terceira semana, permitiram, de uma forma genérica, que as atividades agrícolas próprias da época decorressem com normalidade. A precipitação acelerou o amadurecimento das uvas e das pomóideas. Com os níveis de humidade mais elevados, aumentou o risco de

problemas fitossanitários nas culturas. No final do mês algumas terras destinadas à instalação de forragem de outono-inverno já se encontravam gradadas, servindo também para combater as infestantes nos terrenos que ficaram incultos no ano anterior. As lavouras serão realizadas próximas da data das sementeiras, que estão previstas iniciar em outubro.

Nas vinhas de uva para vinho, as temperaturas elevadas registadas na terceira semana aceleraram a maturação e causaram alguma desidratação na uva. A precipitação na última semana aumentou o risco de podridão nos cachos, que em alguns casos se manifestou com mais intensidade, mas também foi benéfica porque funcionou como rega e o calor que se seguiu ajudou a secar a humidade da vinha, baixando o risco de podridão. Na vinha para uva de mesa, as condições do tempo não afetaram negativamente a produção. Segundo alguns produtores, a precipitação ocorrida na última semana foi benéfica para as variedades mais tardias. No entanto, a humidade elevada aumentou o risco de desenvolvimento de doenças fúngicas, designadamente do oídio, havendo necessidade de tratamentos preventivos.

Nos pomares de pera e de maçã, as temperaturas elevadas e a chuva, contribuíram para acelerar a maturação dos frutos, que começaram a perder dureza rapidamente, levando à antecipação das colheitas. A precipitação fez aumentar o calibre dos frutos, embora este ano na pera Rocha e nas maçãs Gala os calibres sejam menores devido às temperaturas muito elevadas que abrandaram o seu desenvolvimento e que em grande parte não foi possível recuperar até à colheita. As variedades mais tardias como a Reineta, a Fuji e a Golden beneficiaram do efeito da precipitação no aumento dos calibres.

A precipitação beneficiou bastante os pomares de limão.

No olival, as humidades noturnas e matinais elevadas, causadas pelas neblinas frequentes, a precipitação no final do mês e a descida brusca das temperaturas, levaram ao desenvolvimento da praga de mosca da azeitona, que se manifestou com muita intensidade e causou estragos na cultura e perda de produção, principalmente nas variedades e nas parcelas mais precoces, que se encontravam num estado de maturação mais adiantado.

Na cultura do tomate para indústria, as condições meteorológicas verificadas até à terceira semana favoreceram a maturação dos frutos. A precipitação no final do mês obrigou à interrupção da colheita durante três dias. A chuva, no entanto, não prejudicou a produtividade nem a qualidade da produção, devido ao estado avançado da colheita.

Nos campos de arroz observou-se um grande desenvolvimento e a cultura adiantou o ciclo devido ao calor. A precipitação na última semana do mês não provocou a acama das searas e perspetiva-se que não prejudicará o enchimento do grão. Contudo, a humidade relativa do ar mais elevada e a folha molhada devido à chuva, aumentaram o risco de desenvolvimento de doenças causadas por fungos, como a piricularia e a helmintosporiose.

As condições do tempo, designadamente de calor, foram favoráveis ao desenvolvimento do milho para silagem (cultura de regadio), mas obrigaram a uma maior intensificação da rega. A precipitação no final do mês foi muito benéfica para a cultura e diminuiu a necessidade de rega numa fase em que os produtores começavam a identificar algumas limitações nos recursos hídricos disponíveis.

No milho de sequeiro, a precipitação ocorrida no final do mês não interferiu na cultura por a mesma se encontrar já em fim de ciclo ou em colheita. Contudo, a chuva aumentou o teor de humidade do milho, levando os produtores a manterem a cultura no campo mais uns dias para secagem do grão e assim poderem reduzir os custos de secador.

As condições do tempo foram favoráveis para o desenvolvimento da cultura do girassol praticada em regadio.

Na batata de regadio, as amplitudes térmicas mais acentuadas em alguns dias, conjugadas com orvalheiras, criaram condições favoráveis à incidência de alternária. As temperaturas elevadas condicionaram os calibres.

Relativamente às principais culturas hortícolas de ar livre, os meses de verão foram muito difíceis para a produção de couves, devido às temperaturas mais elevadas do que o habitual. As plantações durante o verão foram menores, como é habitual. A produção colhida durante o mês, apresentou uma qualidade média. A água para rega por vezes apresentou pouca qualidade devido aos teores de sais muito elevados. A procura e o preço foram bons, mesmo para as couves coração de boi em armazém, talvez devido à oferta mais reduzida. As plantações decorreram em quantidade normal para a época do ano. A chuva não teve significado para a cultura. Nas cenouras houve problemas de qualidade. Até ao final do mês foi colhida produção em campos semeados ainda em fevereiro e março. As cenouras estavam velhas e tinham pouca qualidade. A colheita desses campos estava a terminar e em setembro serão iniciadas colheitas nos campos semeados em abril e maio, esperando-se uma melhor qualidade, que não se prevê excelente, mas média. Houve muita oferta de produção e os preços mantiveram-se baixos. As abóboras encontravam-se em plena colheita, tendo-se registado uma intensificação na segunda metade do mês. As mesmas irão prolongar-se por setembro. A produção será armazenada para comercialização ao longo dos próximos meses. A produção colhida apresentava boa qualidade, embora os calibres fossem mais baixos. O preço manteve-se baixo.

Nas culturas hortícolas em estufa, as boas condições térmicas diurnas e noturnas e a boa radiação solar, registadas até à terceira semana, promoveram o desenvolvimento vegetativo das culturas, tendo sido necessário assegurar um ambiente arejado. Na última semana, a chuva caiu com alguma intensidade impedindo a abertura das estufas na sua totalidade, o que contribuiu para a subida da humidade relativa no interior, aumentando o risco de desenvolvimento de problemas fitossanitários. Terminaram as colheitas de pepino e courgette. Continuaram as colheitas da campanha intermédia de tomate. As plantações da segunda campanha de tomate, concluídas em julho, encontravam-se em desenvolvimento. Os preços de mercado mantiveram-se baixos.

No **Médio Tejo**, o tempo caracterizou-se por uma maior estabilidade das temperaturas máximas e mínimas, mais evidente na primeira quinzena. A partir da terceira semana verificou-se uma maior oscilação de ambas as temperaturas. O valor médio da temperatura máxima foi ligeiramente superior e o valor médio da temperatura mínima foi um pouco superior aos respetivos valores normais para a época, de acordo com os registos disponíveis da estação meteorológica de Alvega.

Os dias decorreram, na primeira metade do mês, predominantemente com céu pouco nublado ou limpo, enquanto na segunda metade se registaram períodos de céu nublado ou temporariamente muito nublado. Houve formação de neblina ou nevoeiro matinal em especial a meio do mês, entre os dias 13 e 20.

Ao longo do mês, o vento soprou predominantemente com intensidade fraca a moderada.

A precipitação acumulada no mês apresentou valores muito superiores ao normal para a época, ocorrendo sobretudo entre os dias 23 e 27. Verificou-se principalmente sob a forma de períodos de chuva ou aguaceiros, registando-se alguns dias com períodos de chuva muito intensos.

De uma forma geral, no final do mês, o teor de água no solo aumentou na região, incidindo maioritariamente no índice CC [21, 40]. Este índice verificou-se na totalidade dos concelhos de Alcanena, Entroncamento, Vila Nova da Barquinha, Constância e Sardoal, e de forma predominante nos concelhos de Ourém, Torres Novas, Tomar, Abrantes e Ferreira do Zêzere. No concelho de Mação, o teor de água no solo situou-se no índice CC [41,

60] na zona norte e no índice CC [11, 20] na zona sul. Manteve-se ainda uma pequena área no índice CC [1, 10], abrangendo os concelhos de Tomar e Torres Novas.

Os níveis de armazenamento das reservas de água superficiais e subterrâneas registavam-se acima do normal para a época, garantindo uma adequada disponibilidade hídrica para as culturas e para o abeberamento das espécies pecuárias. Mantém-se, porém, a instabilidade do abastecimento de água para rega nas áreas agrícolas dependentes do rio Tejo, principalmente a norte do concelho de Constância.

No que respeita à influência do estado do tempo nas culturas, as três primeiras semanas do mês proporcionaram condições favoráveis à realização das operações agrícolas, que decorreram com normalidade. Contudo, os períodos de maior calor e, sobretudo, a precipitação atípica e intensa registada na última semana do mês condicionaram o desenvolvimento dessas atividades, chegando mesmo a provocar a sua interrupção, em particular das colheitas em curso.

Nas figueiras, a precipitação ocorrida na segunda quinzena teve um impacto negativo na cultura, afetando a produção de figos vindimos que se encontrava por colher. Os figos poderão não apodrecer, mas apresentavam manchas escuras que reduzem significativamente a sua qualidade comercial, inviabilizando a sua comercialização.

Nas nogueiras, as condições de tempo ocorridas em agosto não tiveram impactos negativos na cultura.

Nas amendoeiras, as chuvas no final do mês não tiveram impacto na cultura, apenas houve atraso da colheita.

Nos olivais tradicionais de sequeiro, as condições de tempo reunidas em agosto, designadamente as elevadas humidades noturnas e matinais registadas, aliadas à diminuição brusca da temperatura e à precipitação, favoreceram uma nova geração de mosca da azeitona.

Na cultura do feijão seco, as temperaturas elevadas na fase de enchimento das vagens resultaram em problemas de má formação dos grãos.

No milho de regadio, as condições meteorológicas registadas em agosto foram, de um modo geral, favoráveis à cultura. A precipitação ocorrida no final do mês, não teve um impacto relevante atendendo aos estádios de desenvolvimento em que se encontrava a cultura. Em alguns campos mais avançados, a rega já tinha sido suspensa.

No tomate para indústria, a ocorrência de precipitação provocou atraso da colheita, tendo esta permanecido totalmente suspensa nos dias de chuva mais forte. Por outro lado, a chuva acelerou o amadurecimento dos frutos, desfazendo o escalonamento da maturação entre os campos, reduzindo o período de colheita, com uma maior pressão e intensificação das operações no campo.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia,** as temperaturas máximas apresentaram-se bastante estáveis ao longo do mês com exceção da terceira semana, em que os valores foram mais altos. Os valores médios das temperaturas máximas foram ligeiramente inferiores aos normais para a época. As temperaturas mínimas apresentaram maior estabilidade até ao dia 20, e a partir dessa data verificou-se uma maior oscilação, com algumas noites frias. Os valores médios das temperaturas mínimas foram um pouco superiores às normais para a época. As amplitudes térmicas foram um pouco acentuadas na maior parte dos dias. Os valores mais elevados, de 20,8ºC e de 22,9ºC foram registados respetivamente no dia 17 na estação de Santarém e no dia 16 na estação de Coruche.

O mês decorreu principalmente com dias de céu pouco nublado ou limpo e com períodos de maior nebulosidade. Entre os dias 23 e 27 o céu apresentou-se muito nublado. Entre os dias 13 e 22 foi frequente a formação de neblina ou nevoeiro matinal.

O vento foi predominantemente fraco a moderado.

A precipitação ocorreu entre os dias 23 e 27, sob a forma de períodos de chuva e aguaceiros por vezes fortes e acompanhados de trovoada. Pontualmente houve queda de granizo.

Devido à precipitação ocorrida o teor de água no solo aumentou em toda a região, situando-se no final do mês predominantemente no índice CC [21, 40]. Além disso, registavam-se ainda algumas áreas no índice CC [11, 20] situadas nos concelhos da Chamusca, Santarém, Cartaxo, Azambuja e Coruche, e no índice CC [1, 10] os concelhos de Santarém e de Azambuja. No concelho de Coruche registavam-se já duas áreas no índice CC [41, 60].

As reservas de água superficiais mantinham níveis de armazenamento acima do normal para a época, contudo com alguma diminuição comparativamente ao mês anterior. As águas subterrâneas mantinham níveis acima do normal para a época na margem norte do rio Tejo e na margem sul os níveis apresentavam-se inferiores. Apesar da diminuição dos recursos hídricos, verificou-se disponibilidade de água para o abeberamento de animais e para as necessidades das culturas.

Quanto à influência do tempo nas culturas, foi possível a realização das colheitas até à terceira semana, a partir da qual se verificou alguma perturbação e paragens por alguns dias devido à precipitação. A humidade mais elevada nas culturas devido à chuva, aumentou o risco de desenvolvimento de problemas fitossanitários associados principalmente a doenças fúngicas. As temperaturas elevadas e a precipitação provocaram depreciação da qualidade e perdas de produção.

Nas vinhas para vinho, a precipitação intensa ocorrida no final do mês, bastante superior ao normal para a época, contribuiu para o aparecimento de doenças fúngicas.

Nos citrinos, em particular nos pomares de laranja, as condições do tempo decorreram com normalidade para a cultura, embora as temperaturas elevadas tenham obrigado à intensificação da rega. A precipitação ocorrida no final do mês não causou prejuízos.

Na cultura de amêndoa, a precipitação na última semana do mês não causou prejuízos, mas atrasou o início da colheita em alguns pomares da região.

No nogueiral, a temperatura elevada durante o mês não causou qualquer impacto negativo na cultura.

Nos olivais, em geral, as condições climatéricas permitiram um bom desenvolvimento dos frutos, sem incidências fora do normal, inclusive no período de precipitação mais intensa. Nos olivais de sequeiro a precipitação poderá ter sido benéfica para os frutos em desenvolvimento e para as árvores. Do ponto de vista fitossanitário, a precipitação poderá causar perda de qualidade, sobretudo em zonas de maior prevalência de mosca da azeitona e em olivais que não tenham acompanhamento fitossanitário.

No milho de regadio, as condições meteorológicas designadamente, as temperaturas e a precipitação, não interferiram na cultura, devido aos estados fenológicos já avançados em que a mesma se encontrava. No entanto, como a cultura se encontrava já próxima da fase de colheita, a aguardar a secagem no campo, a precipitação no final do mês poderá provocar um eventual atraso, com o intuito de diminuir custos de secagem.

Nos arrozais, as temperaturas elevadas adiantaram o espigamento em algumas variedades. A chuva, que por vezes foi localmente forte e acompanhada de algum granizo, comprometeu um pouco a produtividade por prejudicar a floração e acamar o arroz.

Na cultura de girassol, as chuvas no final do mês causaram algum atraso nas colheitas.

Na cultura de grão de bico, a chuva acamou algumas searas ainda não colhidas, causando perda de produção. A qualidade não foi afetada.

Na cultura do feijão, a precipitação foi vantajosa por ter permitido economizar algumas regas.

No tomate para indústria, apesar das temperaturas diurnas, as noites um pouco mais frescas contribuíram para a preservação do bom estado vegetativo e melhor defesa da cultura ao calor. A chuva interrompeu as colheitas por dois a três dias e acelerou a maturação dos frutos, causando alguma degradação. Devido à precipitação foi necessário reforçar tratamentos fitossanitários, para evitar problemas de fungos nos campos mais jovens.

Na cultura do melão, a chuva foi muito prejudicial. Obrigou a interromper as colheitas e causou manchas na pele e podridão nos frutos devido ao excesso de humidade no solo, com consequente diminuição da qualidade e perda de produção.

Na batata de regadio, as temperaturas muito elevadas aceleraram o ciclo vegetativo da cultura e causaram alguns problemas de qualidade no pós-colheita. A precipitação não interferiu no ritmo das colheitas.

Na **Grande Lisboa**, o mês caracterizou-se por uma primeira quinzena com condições meteorológicas predominantemente estáveis, temperaturas relativamente elevadas e reduzida ocorrência de precipitação, seguida de uma alteração do estado do tempo na segunda metade do mês. Na primeira metade do mês predominou céu pouco nublado ou limpo, embora com períodos de nebulosidade baixa, sobretudo durante a manhã e junto à faixa costeira, em particular na zona do Cabo Raso. O período mais quente ocorreu em meados do mês. Entre os dias 23 e 27 o estado do tempo apresentou-se com sinais de outono precoce, provocando descidas de temperatura, vento mais forte e ocorrência dos principais episódios de precipitação com aguaceiros localmente fortes, acompanhados de trovoada e de granizo.

O comportamento térmico do mês apresentou uma evolução diferenciada. A primeira metade caracterizou-se por temperaturas geralmente elevadas e superiores à normal em vários dias, enquanto a partir da terceira semana se observou uma descida significativa dos valores, associada à alteração das condições atmosféricas e à ocorrência de precipitação. A média mensal da temperatura máxima foi muito próximo da respetiva normal para a época. Registou-se uma significativa variabilidade ao longo do mês, mas foi na primeira quinzena que ocorreram vários dias com temperaturas máximas elevadas. A partir do dia 20 verificou-se uma descida acentuada das temperaturas máximas, atingindo-se os valores mais baixos entre os dias 23 e 27. A média mensal da temperatura mínima foi ligeiramente superior à normal para a época. As temperaturas mínimas foram particularmente elevadas na primeira metade do mês, salientando-se 22,1ºC registados no dia 17 e 22,0ºC no dia 8. Nos últimos dez dias ocorreu um acentuado arrefecimento noturno. As maiores amplitudes térmicas diárias ocorreram nos dias 1, 7 e 16, com diferenças entre as temperaturas máxima e mínima de aproximadamente 13,5ºC, 13,1ºC e 14,9ºC, respetivamente. A temperatura média mensal foi ligeiramente superior (em cerca de 0,3ºC) à temperatura média normal para a época.

Durante a primeira quinzena predominou céu pouco nublado ou limpo, alternando com períodos de maior nebulosidade, sobretudo durante a madrugada e manhã e junto à faixa costeira. A influência marítima foi particularmente evidente na zona do Cabo Raso, onde se verificaram condições favoráveis à persistência de nebulosidade baixa. Foram também assinaladas condições favoráveis à formação de neblina ou nevoeiro matinal no início do mês, sobretudo junto ao Cabo Raso. A partir do dia 19 ocorreu um aumento da nebulosidade, que se tornou mais persistente entre os dias 23 e 28, coincidindo com a situação de maior instabilidade atmosférica e com os episódios de precipitação. Contudo, nos últimos dias do mês verificou-se uma melhoria gradual das condições meteorológicas, com redução da nebulosidade e períodos de céu pouco nublado ou limpo.

Ao longo da primeira metade do mês ocorreram vários períodos de vento moderado e localmente forte, junto ao Cabo Raso, com rajadas superiores a 40km/h. A partir da terceira semana, o regime do vento apresentou maior variabilidade, acompanhando a alteração das condições atmosféricas. Os valores mais elevados ocorreram, assim, sobretudo durante os episódios de maior instabilidade atmosférica e nas zonas costeiras mais expostas.

Relativamente à precipitação, esta foi muito superior ao normal para a época, apesar de a maior parte da precipitação ter ocorrido num período relativamente curto, entre os dias 23 e 27, durante o qual se verificaram aguaceiros, por vezes fortes, acompanhados de trovoada e granizo, o que poderá ter contribuído para o aumento da humidade disponível no solo. A precipitação acumulada no mês foi muito superior ao valor normal para a época (correspondeu a cerca de 7,6 vezes o valor de referência).

A humidade relativa do ar apresentou, de um modo geral, valores elevados. A humidade relativa mínima diária apresentou maior variabilidade em função das condições térmicas e da nebulosidade. A persistência de humidade atmosférica elevada, particularmente durante a noite e início da manhã, associada a temperaturas ainda relativamente elevadas, constituiu uma condição favorável ao desenvolvimento de determinadas doenças nas culturas, devendo esta circunstância ser considerada na monitorização fitossanitária.

No que concerne ao teor de água no solo, embora tenham ocorrido episódios pontuais de precipitação, estes foram insuficientes para inverter de forma generalizada o processo de secagem dos solos ocorrido ao longo do verão. No final do mês a generalidade dos concelhos da região apresentava valores de teor de água no solo enquadrados no índice CC [21, 40], embora se verificassem algumas áreas com valores correspondentes ao índice CC [11, 20]. Em Mafra, o território encontrava-se maioritariamente no índice CC [21, 40], com uma pequena mancha a sudeste no intervalo [11, 20] e a noroeste no índice CC [41, 60]. Vila Franca de Xira apresentava predominância do índice CC [21, 40]. Em Sintra, a maior parte do território encontrava-se no intervalo [21, 40], com pequenas manchas a sudoeste e nordeste no índice CC [11, 20]. Em Loures, predominava o índice CC [11, 20], com uma mancha a este no intervalo [21, 40]. Odivelas e Amadora apresentavam valores no índice CC [21, 40]. Em Lisboa e Oeiras predominava igualmente o índice CC [21, 40]. Em Cascais, a maioria do território encontrava-se no índice CC [21, 40], com uma pequena mancha a noroeste no intervalo [11, 20].

As reservas de água superficiais e subterrâneas mantiveram-se num nível confortável para a altura do ano. A precipitação ocorrida no final do mês terá contribuído para a reposição da água disponível, embora a sua distribuição temporal e intensidade possam ter condicionado a eficiência da infiltração e originado perdas por escoamento superficial em situações localizadas. Não foram identificadas situações de escassez de água, quer para as culturas, quer para o abeberamento dos efetivos pecuários.

Quanto à influência do estado do tempo nas culturas, os prados e pastagens de sequeiro mantiveram-se secos, em resultado da reduzida disponibilidade de água no solo. A precipitação ocorrida no final do mês contribuiu para o aumento da humidade do solo, favorecendo a sua descompactação e criando condições mais adequadas à realização dos trabalhos de preparação das parcelas destinadas às sementeiras de forrageiras da próxima campanha agrícola.

Nas vinhas de uva para vinho, a ocorrência de precipitação e os elevados teores de humidade relativa do ar favoreceram o desenvolvimento de míldio, sobretudo na folhagem mais jovem, não se tendo, contudo, observado incidência significativa nos cachos. A maturação das uvas decorreu, de um modo geral, dentro da normalidade e ligeiramente adiantada face à média, tendo a precipitação ocorrida no final do mês provocado um ligeiro abrandamento do processo de

maturação, traduzido numa redução da percentagem de álcool provável.

Nas uvas de mesa, as elevadas temperaturas registadas na presente campanha provocaram escaldão, com danos particularmente expressivos na casta Red Globe, mais sensível a temperaturas elevadas, tendo sido afetados, em algumas parcelas, cerca de 40% dos cachos. Na casta Vitória, observaram-se, no final do mês, sintomas de desidratação e degradação dos bagos, com aspeto de "cozidos" e reduzido teor de sólidos solúveis (grau *Brix*).

Nas pomóideas, as temperaturas elevadas e a precipitação contribuíram para um adiantamento da maturação dos frutos, o que constituiu um fator condicionante da colheita.

Nos olivais, de salientar que a ocorrência de elevados teores de humidade relativa durante os períodos noturno e matinal, associada à descida brusca das temperaturas e à precipitação registada, favoreceu o desenvolvimento de uma nova geração da mosca da azeitona, cuja elevada incidência provocou danos significativos nos frutos, traduzindo-se numa diminuição substancial da sua qualidade e, consequentemente, da produtividade da cultura.

A cultura do arroz decorreu, de um modo geral, dentro da normalidade. Contudo, a precipitação intensa ocorrida no final do mês poderá ter condicionado as searas de instalação mais tardia que se encontravam ainda na fase de floração. Atendendo à elevada sensibilidade da cultura durante a floração, eventuais constrangimentos nesta fase poderão refletir-se negativamente na produtividade. No final do mês ainda não era possível avaliar com rigor os efeitos da precipitação registada sobre o estado das searas mais tardias.

No tomate para indústria, a colheita decorreu, de um modo geral, dentro da normalidade até à ocorrência de precipitação intensa, o que obrigou à interrupção e atraso dos trabalhos. A elevada humidade noturna e matinal constituiu também um constrangimento às operações de colheita, uma vez que provocava a acumulação de material vegetal húmido no equipamento de apanha, obrigando a interrupções para limpeza das máquinas. Esta situação determinou atrasos nos trabalhos e um acréscimo dos encargos com mão de obra e operação das máquinas. As condições climatéricas registadas ao longo da campanha contribuíram para a sobrematuração dos frutos e para o aparecimento de frutos rachados, com reflexos negativos na qualidade da produção. A elevada humidade relativa e temperaturas amenas registadas no final do mês favoreceram igualmente o desenvolvimento de doenças, nomeadamente míldio, oídio e alternaria, com potencial para provocar perdas de quantidade e qualidade da produção.

Na cultura de pimento para indústria, as condições meteorológicas verificadas durante grande parte do mês, caracterizadas por temperaturas moderadas a elevadas e valores de humidade relativa do ar, favoreceram o desenvolvimento de oídio na cultura.

Na **Península de Setúbal**, as temperaturas máximas registaram em geral e até meados do mês, valores acima do normal para a época. Até meados do mês ocorreram alguns dias intercalados com temperaturas elevadas. A partir de meados do mês registou-se o decréscimo das temperaturas máximas e novo aumento nos últimos dias. As temperaturas mínimas tiveram um comportamento mais regular ao longo do mês, com valores geralmente superiores ao normal para a época. As maiores amplitudes térmicas registadas foram de 21,7ºC na estação de Pegões e 18,9ºC na estação de Setúbal, respetivamente nos dias 7 e 12. As menores amplitudes térmicas observaram-se no final do mês, sendo o menor valor no dia 23 com 4,9ºC na estação de Setúbal e 8,5ºC no dia 26 na estação de Pegões.

O mês caracterizou-se pelo predomínio de céu pouco nublado ou limpo, alternando com períodos de maior

nebulosidade, mais frequentes no final do mês, durante a manhã, com dissipação gradual ao longo do dia.

O vento soprou em geral fraco a moderado (até 25km/h a 30km/h), por vezes forte, principalmente no final do mês.

No final do mês ocorreu precipitação, sendo o total mensal registado nas estações da região de pelo menos o triplo do valor normal para a época.

A humidade relativa diária foi em geral superior à registada no mês anterior.

Relativamente ao teor de água no solo, verificou-se em geral o decréscimo do seu valor até dia 23, data a partir da qual a precipitação ocorrida proporcionou o seu aumento. No final do mês a maior parte dos solos encontravam-se no índice CC [21, 40]. No índice CC [11, 20] estavam as zonas sudeste do concelho de Palmela, zona sudoeste do concelho de Setúbal, zona sudeste do concelho de Sesimbra e os concelhos da Moita e do Montijo (parte ocidental). Comparativamente a igual período do ano anterior, a situação era então e em geral mais favorável.

No que respeita aos recursos hídricos, apesar de se verificar algum decréscimo, as barragens da região mantinham ainda níveis satisfatórios para a época. Também os cursos naturais e os aquíferos subterrâneos continuavam com reservas de água. Não se verificaram situações de escassez de água para a rega e para o abeberamento de animais.

Relativamente à influência do estado do tempo na agricultura, de salientar a ocorrência atípica para a época, de precipitação no final do mês, que teve influência na generalidade das culturas.

Nas pastagens, contribuiu para uma recuperação e melhoria do desenvolvimento vegetativo, que poderá ajudar numa maior disponibilidade de alimento para o efetivo pecuário durante o período de inverno.

Nas culturas forrageiras, nomeadamente no milho para silagem e na erva do Sudão, permitiu reduzir temporariamente as dotações de rega, com a consequente diminuição dos custos associados ao consumo de eletricidade.

No que se refere às vinhas para vinho, a ocorrência de precipitação no final do mês coincidiu com o início ou continuação da vindima, o que condicionou de forma significativa a colheita, levou à sua suspensão temporária na maioria das vinhas da região, provocando atrasos no normal desenvolvimento das vindimas. A persistência da humidade aumentou a preocupação relativamente ao estado sanitário dos cachos. A precipitação contribuiu para um aumento do volume dos bagos, com consequente pressão sobre a película, criando fendas e rebentamento de bagos, o que constituiu um fator de risco acrescido para a instalação e progressão de podridões, especialmente quando se verificam condições de humidade elevada. O período de tempo quente e seco previsto para o início de setembro contribuirá para a redução da humidade nos cachos e para a retoma da vindima.

Nas pomóideas, concretamente nas macieiras e pereiras, no final do mês a colheita dos frutos encontrava-se terminada, pelo que a precipitação ocorrida nesta fase não teve impacto.

No que respeita às tangerineiras, as condições climatéricas de manutenção de temperaturas elevadas contribuíram para a continuidade do crescimento e desenvolvimento dos frutos. A gestão da rega assumiu particular importância, permitindo manter um adequado estado hídrico das árvores e minimizar situações de *stress* hídrico.

Na cultura do milho de regadio, a precipitação no final do mês revelou-se benéfica para a cultura, permitindo reduzir significativamente as necessidades de rega numa fase avançada do ciclo. Após este episódio de chuva, nalgumas situações a rega foi suspensa, prevendo-se que, face ao estado de desenvolvimento das plantas e à disponibilidade de água no solo, não seja necessário retomá-la até à colheita. Esta situação

permitiu ainda uma redução dos encargos energéticos associados à rega.

Nos arrozais as condições meteorológicas foram, de um modo geral, favoráveis ao desenvolvimento da cultura. As temperaturas foram adequadas à sua evolução. A precipitação que ocorreu no final do mês, apesar de não ter provocado interferências significativas, contribuiu para o aumento da humidade no coberto vegetal, o que poderá favorecer o desenvolvimento de doenças fúngicas.

Na cultura do tomate para indústria, a ocorrência de precipitação, teve impacto nas operações de colheita, tendo sido necessário interromper os trabalhos durante um ou dois dias. Esta precipitação poderá originar alguma quebra de produção, sobretudo devido ao desenvolvimento de podridões em frutos maduros ou em avançado estado de maturação.

A precipitação, bem como a diminuição dos valores da temperatura foram benéficas para as plantações de batata estival.

De acordo com o critério de onda de calor considerado pelo IPMA (*ocorrência de pelo menos seis dias consecutivos com temperatura máxima superior em 5ºC ao valor médio das temperaturas máximas para o período de referência 1991-2020*) não se verificou onda de calor durante o mês na região.

No final do relatório apresenta-se uma Tabela com os valores numéricos relativamente aos dados meteorológicos das estações monitorizadas.

Fitossanidade: pragas e doenças; intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efetuados; prejuízos causados para além do normal

Oeste

As vinhas de uva para vinho encontravam-se de forma geral, num estado fitossanitário muito favorável por o ano ter sido relativamente tranquilo em termos de doenças provocadas por fungos e pela baixa intensidade das pragas habituais, como os cicadelídeos e a traça da uva (que tem vindo a diminuir na região nos últimos anos em resultado de um programa alargado de monitorização da praga). No início do mês houve recomendação de tratamentos preventivos para a traça da uva. Devido à precipitação no final do mês, foram recomendados tratamentos contra a podridão cinzenta em castas suscetíveis ou parcelas com histórico, recorrendo a fungicidas com ação bacteriostática por apresentarem intervalos de segurança reduzidos ou nulos. Com o aumento da humidade ocorreram algumas situações de desenvolvimento de podridão com maior intensidade.

Nas vinhas de uva de mesa registou-se alguma incidência de oídio que exigiu a realização de tratamentos. A presença de cicadelídeos apresentou alguma persistência. Contudo, em termos globais a vinha apresentava um bom estado fitossanitário.

Nos pomares de pera Rocha, na primeira metade do mês e já próximo da colheita, verificou-se um aumento dos sintomas de estenfiliose e alguma alternariose, com uma maior presença de frutos com problemas de manchas castanhas. Em alguns pomares continuaram a registar-se sintomas de fogo bacteriano, apesar das várias limpezas sanitárias realizadas ao longo do ano. Em termos de balanço, estima-se que o impacto das podas sanitárias e do arranque de pomares associados ao combate do fogo bacteriano, tenha provocado uma redução do potencial produtivo de cerca de 5% face ao ano anterior e de mais de 30% em termos acumulados

comparativamente ao ano de 2021. Também já próximo da colheita, em alguns pomares a pressão de psila aumentou.

Nos pomares de maçã os principais problemas fitossanitários durante o ciclo da cultura foram o fogo bacteriano (que neste ano foi pior nas maçãs do que nas peras) e o pedrado. Durante o mês o fogo bacteriano ainda estava presente em alguns pomares, mesmo depois de terem sido feitas várias limpezas ao longo do ano. O pedrado apresentava uma expressão média a alta em alguns pomares. Quanto a pragas, houve presença de pulgão lanígero e de ácaros.

Os pomares de limão mantiveram-se com boas condições fitossanitárias.

No olival, as condições climatéricas promoveram o desenvolvimento de uma nova geração de mosca da azeitona, que se manifestou com grande intensidade e teve um efeito destrutivo muito forte na produção. As medidas adotadas para controlo fitossanitário da praga, mesmo com recurso a inseticidas de maior impacto, foram pouco eficazes em alguns casos. Os vários dias de posturas que se registaram, dificultaram a precisão e consequente eficácia dos tratamentos realizados.

Na cultura de tomate para indústria, registou-se alguns focos de fusariose em resultado do calor intenso registado no final de junho e início de julho. A doença não teve expressão visual no campo, mas poderá diminuir a qualidade da produção devido a menor coloração e menos grau *Brix*. Trata-se de uma doença de solo provocada pelo fungo *Fusarium* spp., cujo desenvolvimento é favorecido por temperaturas mais elevadas. Devido ao bloqueio do sistema vascular da planta, dá-se uma limitação do fluxo de água e nutrientes, o que provoca o seu emurchecimento e impede o desenvolvimento do fruto. Durante o mês surgiram ainda os problemas fitossanitários habituais nesta fase da cultura, como a mosca branca e outros, que foram devidamente controlados.

Na cultura do arroz, a piricularia, doença causada pelo fungo *Pyricularia oryzae*, manifestou-se com alguma intensidade, levando à necessidade de realização de tratamentos, os quais apresentaram eficácia. Mantinha-se a presença de infestantes, com mais intensidade do que o habitual, principalmente arroz bravo, milhã e *Leptochloa*, apesar dos tratamentos herbicidas realizados em junho e julho. Tem sido um ano muito difícil no que respeita ao combate de infestantes nos arrozais. Até ao final da cultura não serão realizados mais tratamentos. A presença de javalis e de aves não tem causado prejuízos com significado.

O milho para silagem manteve boas condições fitossanitárias, apesar de terem surgido alguns focos de piolho no Baixo Oeste, que a chuva provavelmente terá ajudado a controlar. No Alto Oeste continuou a haver presença de javalis nas searas, que causaram estragos em áreas significativas da cultura.

No milho de sequeiro para grão, não foram registados problemas de doenças ou pragas com significado. Continuou a haver presença de javalis, que causaram alguma destruição, principalmente no Alto Oeste.

Na cultura do girassol não foram identificados problemas fitossanitários.

Em alguns batatais houve continuação de tratamentos preventivos contra o míldio, devido às condições favoráveis ao desenvolvimento da doença, proporcionadas pelas regas necessárias à cultura. Houve alguma incidência de alternaria, tendo sido necessário realizar intervenções com fungicidas. Verificou-se, tal como em anos anteriores, a incidência de ácaros eriofídeos (microácaros) na sequência do período de temperaturas mais elevadas.

Nas culturas hortícolas de ar livre, verificaram-se em todas as espécies de couves ataques de mosca branca com bastante intensidade. A substituição do sistema de rega por aspersão pela gota a gota, por necessidade de poupança de água, fez aumentar a intensidade de algumas pragas, nomeadamente a da mosca branca. Os

produtos disponíveis para proteção da cultura contra a praga estavam a apresentar pouca eficácia. Com a necessidade de realização de muitos tratamentos, a praga ganhou resistência aos produtos utilizados. Também surgiram ataques de lagartas, com uma intensidade média. As cenouras apresentaram uma situação fitossanitária normal, encontrando-se com os problemas habituais devidamente controlados. As abóboras apresentaram, em termos gerais, uma boa situação fitossanitária. No entanto foi detetado um problema em alguns campos e recolhidas amostras que foram enviadas para laboratório, tendo sido identificada estenfiliose, que estragou de forma significativa algumas áreas.

Nas culturas de hortícolas em estufa, registou-se a presença de *Tuta absoluta*, mosca branca e *Botrytis* ou podridão cinzenta, no tomate. A incidência das doenças e os ataques de pragas foram de baixa intensidade, tendo-se revelado eficazes os tratamentos realizados. Não foram identificados prejuízos além do normal.

Médio Tejo

Nas vinhas para vinho, devido à chuva registaram-se alguns focos de podridão, cujos tratamentos efetuados revelaram eficácia e a doença considerou-se controlada. Em termos de pragas, manteve-se a incidência de cigarrinha, que este ano tem tido uma presença bastante intensa nas castas mais sensíveis, em especial a Alicante Bouschet e a Aragonez.

Nas figueiras, não ocorreram problemas fitossanitários de maior importância, exceto a cochonilha preta, cuja presença se tem mantido desde abril.

Nas nogueiras, registaram-se em agosto alguns problemas fitossanitários, nomeadamente a queda prematura de frutos, associada à polinização com pólen infetado por bacteriose, com maior incidência nas variedades mais precoces.

Nos olivais tradicionais, no início de julho observaram-se ligeiros ataques de mosca da azeitona em variedades mais precoces (frutos já com maior calibre) cujos tratamentos realizados à data se revelaram eficazes e interromperam o ciclo reprodutivo da espécie. Contudo, as elevadas humidades noturnas e matinais que se registaram em agosto, juntamente com a diminuição brusca da temperatura e precipitações registadas, favoreceram uma nova geração de mosca da azeitona, a qual surtiu um forte impacto destrutivo nas azeitonas, provocando em algumas parcelas e variedades mais suscetíveis a perda qualitativa de parte da produção. Os produtores realizaram tratamentos fitossanitários com recurso a inseticidas de maior impacto, adequados a cada modo de produção. No entanto, a sua eficácia revelou-se, em alguns casos, reduzida, devido aos vários dias de posturas que se registaram, dificultando a precisão e eficácia dos mesmos. Os olivais intensivos apresentavam um estado fitossanitário razoável, não se reportando ocorrências significativas de pragas ou doenças.

No milho de regadio, em geral não foram ao longo do mês verificadas incidências significativas. Nos campos mais precoces, foram identificados sinais de murchidão do milho provocado pelo fungo de solo *Cephalosporium maydis*. A presença dos javalis nos campos tem sido uma constante, em especial nos campos em fase de grão leitoso, sendo a fase da cultura mais apetecível para estes animais.

No feijão, destacou-se com mais significado a persistência de piolho. A praga ficou, no entanto, controlada, após a realização dos tratamentos fitossanitários.

No tomate para indústria, ao longo do mês não se verificaram ocorrências significativas. Após as chuvas realizaram-se os habituais tratamentos fitossanitários preventivos.

Lezíria do Tejo e Baixo Sorraia

Nas vinhas para vinho, efetuaram-se tratamentos no início do mês nas castas tintas e em algumas castas brancas de vindima mais tardia, nos locais onde foi atingido o Nível Económico de Ataque (NEA) para a traça da uva e para a cigarrinha verde. Com a elevada precipitação nos últimos dias do mês, observaram-se os primeiros sintomas de podridão cinzenta.

Nas vinhas para uva de mesa, as pragas com maior intensidade e persistência foram os cicadelídeos. No que respeita a doenças, houve alguma incidência de oídio, com necessidade de proceder à realização de tratamentos.

Nos pomares de citrinos, em especial de laranja, o mês decorreu sem problemas relevantes, embora tenham surgido alguns ataques de ácaros. Os tratamentos realizados na fase inicial do surgimento da praga foram eficazes. Foram ainda realizados tratamentos preventivos contra as cochonilhas.

No amendoal, não foram identificadas ocorrências fitossanitárias significativas. Apenas foram constatados alguns ataques de ácaros. Salientam-se ainda os prejuízos provocados pela presença de javalis nos pomares, designadamente ramos partidos e canos de rega retirados dos camalhões, bem como o derrube de alguma amêndoa na fase de pré-colheita.

No nogueiral, foi registada a queda prematura de frutos causada por polinização com pólen infetado com bacteriose, principalmente nas variedades mais precoces.

Nos olivais, a ocorrência de precipitação, a descida da temperatura e o nevoeiro matinal em alguns dias na última semana, favoreceram o aumento significativo da população de mosca da azeitona, determinando a necessidade de realizar tratamentos fitossanitários de combate à praga, para evitar prejuízos elevados na cultura.

Na cultura do milho, não foram identificados problemas fitossanitários relevantes ao longo do mês. Continuou a registar-se presença de javalis, mas com menor intensidade do que no ano anterior.

Na cultura do arroz, tal como no mês anterior, não se verificaram ocorrências significativas de doenças e pragas. Em termos de infestantes, manteve-se uma forte presença de milhãs (*Echinochloa* spp.) e de arroz bravo. Registaram-se ocorrências pontuais provocadas por javalis. Nos canteiros de arroz continuaram presentes algumas aves, tais como patos, gaivotas, íbis e flamingos. A presença mais intensa de íbis, causou algum derrube de arroz.

Nas culturas de grão de bico e de feijão não se registaram ocorrências de relevância.

Na cultura de tomate para indústria, o mês decorreu sem incidências graves de fitossanidade, e sem registo de fortes pressões de pragas como é habitual à medida que os campos são colhidos. A pressão de ácaros, de mosca branca, *Tuta absoluta* e algum *Fusarium* spp. foram eficazmente controlados com os tratamentos habituais. No entanto, após a chuva da última semana foram reforçados os tratamentos para evitar, nos campos mais jovens, o surgimento de fungos e a redução da área foliar, causada designadamente pelo míldio.

Na cultura de melão, a situação fitossanitária foi favorável até ao início das chuvas. Nas searas ainda por colher, logo que seja possível entrar no campo, que ainda tinha muita água, serão realizados tratamentos para prevenção de doenças fúngicas.

Na batata não se verificaram problemas fitossanitários relevantes. Pontualmente, surgiram problemas de infestação de junças que por vezes foram severos.

Grande Lisboa

Nas culturas forrageiras, prevê-se que a precipitação ocorrida no final do mês venha favorecer a emergência de infestantes durante o mês de setembro. Esta situação

poderá, contudo, permitir a realização de intervenções de controlo de infestantes em pré-sementeira, nomeadamente com recurso a herbicidas à base de glifosato, contribuindo para uma menor presença de infestantes no estabelecimento das futuras instalações. Nesta cultura tem-se vindo a verificar um agravamento da incidência de formigas em algumas parcelas que, apesar do seu importante papel no ecossistema, nomeadamente na melhoria da estrutura do solo e na dispersão de sementes, podem, em determinadas situações, causar prejuízos nas culturas, pelo que se mantém como um aspeto a acompanhar.

Nas vinhas de uva para vinho, verificou-se a presença de podridão nos bagos, com maior incidência nas castas Syrah e Alicante Bouschet, devido às condições de humidade que favoreceram o desenvolvimento de *Botrytis cinerea*, agente causal da podridão cinzenta. A podridão cinzenta poderá comprometer a qualidade das uvas, nomeadamente por provocar alterações na composição química, oxidações precoces e perda de compostos aromáticos. Foram realizados tratamentos fitossanitários preventivos dirigidos a esta doença bem como à terceira geração da traça da uva. Foram igualmente efetuados tratamentos preventivos para o controlo do míldio e do oídio. Registou-se ainda a presença de cigarrinha verde, embora sem níveis de incidência relevantes ou danos significativos nas vinhas.

Nas vinhas de uva de mesa, manteve-se a realização de tratamentos fitossanitários de carácter preventivo dirigidos ao oídio, míldio e botritis. A casta Sugraone apresentou elevada suscetibilidade à *Botrytis cinerea*, tendo-se registado incidência de podridão cinzenta com impacto significativo na qualidade dos bagos. Face à recorrência dos prejuízos nesta casta, associados à sua elevada suscetibilidade à doença, prevê-se, em algumas parcelas, o arranque das videiras e a sua substituição pela variedade ARRA 30. Entre as pragas destacou-se a presença persistente de cicadelídeos, mantendo-se também os prejuízos provocados por aves, para as quais os dispositivos de afugentamento por emissão de sinais sonoros instalados revelaram-se de eficácia reduzida.

No olival, as elevadas humidades noturnas e matinais que se registaram no mês, aliadas à diminuição brusca da temperatura e à precipitação, favoreceram uma nova geração de mosca da azeitona, que teve um forte impacto destrutivo nos frutos, provocando em algumas parcelas e variedades mais suscetíveis uma substancial diminuição da qualidade e da produtividade. Face ao exposto, foram realizados tratamentos fitossanitários com recurso a inseticidas de maior impacto, embora em alguns casos os mesmos tenham sido pouco eficazes devido aos vários dias de posturas que se registaram, dificultando a precisão e consequente eficácia dos tratamentos. Neste sentido, prevê-se não só uma quebra significativa na quantidade, mas também na qualidade dos azeites resultantes das variedades mais precoces.

No milho não foram registadas ocorrências significativas de pragas ou doenças. Manteve-se a presença de milhãs (*Echinochloa* spp.), infestante já referida em relatórios anteriores, embora nesta fase avançada do ciclo vegetativo não constitua motivo de preocupação relevante. Durante a campanha têm sido observados danos provocados por javalis, com impacto destrutivo na cultura, mantendo-se necessária a monitorização da eventual ocorrência de danos provocados por fauna selvagem.

No arroz, de um modo geral não foram registadas ocorrências de doenças com expressão significativa. Mantiveram-se, contudo, os tratamentos fitossanitários de carácter preventivo dirigidos à *Pyricularia oryzae*. A presença de infestantes, nomeadamente milhã (*Echinochloa* spp.) e leptocloa (*Leptochloa* spp.), foi observada em algumas áreas. Nesta fase adiantada do ciclo da cultura, a realização de operações de monda para controlo destas infestantes já não se considera adequada. Registaram-se ainda alguns danos provocados por javalis, nomeadamente nos muros dos canteiros, sem impacto significativo sobre a cultura. A presença de cegonhas continuou, contudo, a constituir uma preocupação, devido aos danos provocados pelo espezinhamento das plantas, superiores aos associados à presença de íbis. Apesar da instalação de sistemas de

afugentamento por emissão de sinais sonoros, a sua eficácia tem-se revelado limitada.

No tomate para indústria, a incidência de pragas e doenças manteve-se, de um modo geral, baixa durante grande parte do ciclo, embora se tenha verificado um aumento da pressão fitossanitária com o avanço da colheita. A presença de ácaros, sobretudo aranhiço vermelho, constituiu uma das principais preocupações dos produtores. A sua incidência poderá afetar o desenvolvimento e calibre dos frutos, provocando ainda alterações na epiderme, como aspereza e rachaduras. Em situações de desfoliação significativa, a perda de proteção da folhagem poderá favorecer a ocorrência de escaldão nos frutos. Verificou-se também um aumento progressivo das populações de *Tuta absoluta* (traça do tomateiro) e de mosca branca, particularmente nas parcelas que permaneciam por colher. Foram realizados os tratamentos fitossanitários considerados necessários, embora se mantenham constrangimentos relacionados com a limitada disponibilidade de produtos fitofarmacêuticos autorizados com eficácia satisfatória para estas pragas. Relativamente às doenças, foram efetuados tratamentos fungicidas de carácter preventivo, nomeadamente para o míldio, cuja ocorrência foi favorecida pelo aumento da humidade relativa do ar e pelas temperaturas verificadas no final do mês. Em algumas parcelas observou-se uma presença significativa de infestantes, designadamente figueira do inferno e erva moira. Esta última poderá ainda assumir importância do ponto de vista fitossanitário por ser um hospedeiro de ácaros. Nesta fase avançada do ciclo vegetativo, as operações de controlo de infestantes apresentam reduzida relevância.

No pimento para indústria, manteve-se a presença de mosca branca, considerada uma praga de difícil controlo, tendo sido dada continuidade à realização de tratamentos. Registou-se igualmente a ocorrência de oídio, pelo que foram efetuados os tratamentos fitossanitários adequados. O oídio é a doença fúngica mais frequente e prejudicial na cultura do pimenteiro, afetando gravemente a produção destinada à indústria, pois ataca de forma endofítica (dentro da folha), o que torna o seu controlo mais complexo.

Península de Setúbal

Nas vinhas de uva para vinho, o estado fitossanitário foi, de um modo geral, satisfatório, apesar da ocorrência localizada de algumas pragas e doenças. Relativamente às doenças, conforme referido, a ocorrência de precipitação no final do mês, aumentou o risco de desenvolvimento de podridões nos cachos, sobretudo quando associada à existência de bagos já próximos da maturação plena e com maior suscetibilidade à rutura da película. Os sintomas de podridão poderão não ser percetíveis numa avaliação superficial dos cachos, podendo existir deterioração no seu interior. Perante este risco, ocorreu antecipação da vindima, privilegiando a colheita de uvas com um estado sanitário aceitável, mesmo que ainda não tivesse sido atingido o grau de maturação ideal. Na região ocorreram situações pontuais de míldio, sem expressão generalizada. Relativamente às pragas, verificou-se a presença de traça dos cachos (*Cryptoblabes gnidiella*), tendo também sido registadas contagens de traça da uva (*Lobesia botrana*). A sua incidência manteve-se localizada, não se tendo observado danos significativos nos cachos de forma generalizada. Ao longo do mês registou-se um aumento da incidência da cigarrinha verde na região, com níveis populacionais significativamente superiores nalgumas vinhas. No entanto, a ocorrência de precipitação no final do mês contribuiu para atrasar o seu desenvolvimento. Os sintomas são sobretudo ao nível de danos na folhagem, com redução da área foliar, limitando a atividade fotossintética e, consequentemente, a evolução da maturação e do grau alcoólico. De referir que na região a campanha de 2024 caracterizou-se por uma pressão muito elevada de cigarrinha, sendo a incidência em 2025 inferior.

Nos pomares de pomóideas o estado sanitário manteve-se globalmente bom. Ao nível das pragas, a mosca do

Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) apresentou uma incidência reduzida, significativamente inferior face a campanhas anteriores, não tendo constituído problema relevante. De salientar os danos consideráveis nos pomares provocados por javalis, que escavam o solo na procura de humidade, minhocas e outros organismos, provocando a exposição das raízes das árvores. Relativamente às doenças, nas pereiras verificou-se incidência de estenfiliose (*Stemphylium vesicarium*) superior à registada nos anos anteriores, mas sem impacto relevante. Nas macieiras da variedade Gala registaram-se infeções primárias de pedrado (*Venturia inaequalis*), sem evolução significativa. Quanto ao fogo bacteriano (*Erwinia amylovora*), não foram observadas novas infeções.

No que diz respeito às tangerineiras, manteve-se a monitorização regular das principais pragas. De forma geral, o estado fitossanitário do pomar manteve-se satisfatório, sem ocorrência de pragas com impacto económico significativo. Verificou-se a presença de lagarta mineira dos citrinos, bem como incidência reduzida de afídeos, nas folhas mais jovens. Verificou-se também alguma cochonilha, em níveis baixos e localizados.

No amendoal, a situação fitossanitária manteve-se globalmente favorável. As principais doenças fúngicas, nomeadamente gomose, antracnose e moniliose, apresentavam-se controladas e sem impactos significativos na cultura. Relativamente às pragas, registou-se presença elevada de cigarrinha, com sintomas de degradação e descoloração das folhas, sobretudo na parte superior da copa, não se esperando, no entanto, prejuízos relevantes.

Na cultura de milho para grão, o estado das searas era globalmente satisfatório, não se tendo observado problemas relevantes associados a nanismo ou à presença de cigarrinhas. Mantém-se a necessidade de vigilância relativamente à eventual ocorrência de lagarta, cuja incidência poderá ainda aumentar até à colheita. A presença de javalis continua a constituir uma importante condicionante em algumas parcelas, verificando-se danos resultantes do derrube de plantas e da mobilização do solo, com prejuízos que, em determinadas situações, ultrapassam o efetivo consumo das plantas. Registaram-se igualmente danos provocados por aves, sobretudo nas maçarocas durante a fase de grão pastoso. A presença da infestante figueira do inferno (*Datura stramonium*) mantém-se controlada.

No caso do milho para silagem, a situação fitossanitária era semelhante à referida para o milho grão, não havendo diferenças relevantes na incidência de pragas e doenças.

Na cultura do arroz, a situação fitossanitária estava, de um modo geral, controlada. A *Pyricularia oryzae* foi a principal doença observada, tendo sido realizados tratamentos fitossanitários para o seu controlo. As condições de humidade registadas no final do mês poderão favorecer a sua evolução, justificando a continuidade da monitorização nesta fase final do ciclo, uma vez que a sua eventual intensificação poderá condicionar o resultado da campanha. Relativamente às pragas, registou-se a presença pontual de lagartas, tendo sido efetuados tratamentos. Em algumas parcelas, registaram-se níveis elevados de afídeos (piolhos), com incidência superior ao habitual para esta fase da cultura. As infestantes, sobretudo milhãs (*Echinochloa*), constituem um dos principais problemas. No que respeita à fauna, manteve-se uma elevada presença de javalis, com grande atividade durante o período noturno, provocando danos nas espigas. Das aves, destacaram-se as cegonhas e o íbis preto, sendo que a sua intensidade variava em função da densidade da cultura e da disponibilidade de alimento. A presença de lagostins foi inferior à registada em anos anteriores.

Na cultura de tomate para indústria, o estado fitossanitário manteve-se globalmente satisfatório, não tendo sido registadas ocorrências de relevo para além das situações consideradas normais para a época. A incidência de *Tuta absoluta* e de mosca branca foi inferior à observada na campanha anterior, mantendo-

se a sua monitorização nas parcelas ainda não colhidas. Foram também observados danos provocados por javalis, sobretudo associados à destruição em sistemas de rega.

Na cultura da batata mantém-se o referido no relatório anterior: *"A campanha da batata precoce e de indústria decorreu sem problemas fitossanitários assinaláveis, registando-se uma reduzida incidência de míldio e de escaravelho da batateira, o que beneficiou a qualidade da batata colhida."*

Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragens verdes, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior

No **Oeste**, as pastagens de sequeiro, espontâneas e semeadas, encontravam-se secas, com os ciclos vegetativos terminados. A precipitação no final do mês poderá antecipar o renovo das pastagens (novos rebentamentos) para setembro. No entanto, se permanecer o tempo quente e não houver precipitação, as plantas que vão germinar poderão desaparecer rapidamente sem contribuírem para a alimentação dos animais, e em outubro, devido à diminuição do banco de sementes, haverá menos germinação espontânea e mais necessidade de lavouras e sementeiras para melhorar as pastagens, com aumento de custos de produção. Os fenos encontravam-se armazenados, embora ainda se observasse pontualmente alguns fardos no campo. Como referido nos meses anteriores, os produtores pecuários, devido às reservas de forragem de outono-inverno serem menores, fizeram mais compras de palha e vão reforçar as provisões de silagem de milho, através da autoprodução ou de compra. Outra estratégia para equilíbrio das reservas de alimento para os animais será tentar conseguir alguma antecipação na sementeira de forragens de outono-inverno, que preveem instalar em outubro, observando-se já alguns campos gradados.

O milho para silagem apresentava um bom estado vegetativo. No Baixo Oeste as searas mais adiantadas encontravam-se em floração, estando previsto o início da colheita para o final de setembro ou princípio de outubro. No Alto Oeste a cultura foi instalada mais cedo e encontrava-se mais adiantada, tendo sido feito o corte de rega ao milho na última semana nas searas que já se encontravam no ponto de colheita, a qual será iniciada na primeira semana de setembro. Em geral, estimam-se boas produtividades, no Alto Oeste um pouco superiores ao ano passado e no Baixo Oeste ligeiramente inferiores, salientando-se que no ano anterior as produtividades foram boas. Embora tenha havido disponibilidade de água para a cultura, na segunda metade do mês verificou-se uma diminuição dos recursos hídricos obrigando a uma gestão mais exigente das regas. A precipitação ocorrida na última semana diminuiu a necessidade de rega, o que permitiu um maior equilíbrio dos recursos disponíveis.

As condições de alimentação das espécies pecuárias mantinham-se semelhantes a igual período do ano anterior. Os bovinos com aptidão para carne, que se encontravam no campo, estavam a ser suplementados com fenos e rações devido à reduzida disponibilidade de alimento nas pastagens de sequeiro, como é habitual nesta época do ano. As espécies pecuárias estabuladas com aptidão de leite, mantinham o habitual equilíbrio entre alimentação natural conservada (fenos, silagem e fenossilagem) e rações industriais. Devido à menor qualidade do azevém armazenado, alguns produtores pecuários mantinham o reforço de silagem de milho na alimentação dos animais. A subida do preço dos combustíveis continuou a fazer-se sentir nos custos de produção pecuária, que permaneceram elevados.

No **Médio Tejo**, as pastagens permanentes de sequeiro, tal como habitual nesta época do ano, e durante as três primeiras semanas de agosto, encontravam-se com as plantas totalmente secas. A partir da última semana do mês, pelo efeito da precipitação ocorrida, verificou-se a germinação de muitas sementes presentes no solo. Os prados de regadio permaneceram em boas condições, evidenciando um desenvolvimento vegetativo regular. A precipitação intensa registada na última semana do mês favoreceu a disponibilidade de água no solo, permitindo uma menor utilização de água de rega.

Relativamente às culturas forrageiras, no final do mês encontravam-se paradas, com exceção das culturas em regadio. Houve oportunidade para proceder a novos cortes para silagem, que em grande parte das explorações e culturas correspondia ao terceiro corte do ano.

Quanto às condições de alimentação das espécies pecuárias, nomeadamente dos bovinos em regime extensivo, os animais encontravam-se em pastoreio, consumindo prados de regadio e forragens conservadas, em particular fenossilagem. No final do mês a alimentação dos animais em recria baseava-se em rações industriais.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as pastagens de sequeiro, embora já secas continuavam a ser pastoreadas, dispondo ainda de alimento para os animais. Algumas tapadas encontravam-se totalmente consumidas, aguardando por condições climatéricas propícias para as novas sementeiras. Os prados de regadio apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo e foram realizados cortes destinados à produção de fenossilagem (terceiro corte em algumas explorações).

A menor produção de forragem para autoconsumo, devido às condições atmosféricas no período de inverno, levou a um aumento das compras de palha, proveniente principalmente de Espanha e França face à escassez de palha nacional.

O milho para silagem encontrava-se em plena colheita, a qual foi iniciada a meio do mês, perspetivando-se que fique concluída em setembro. A operação decorria com normalidade, mas foi interrompida dois a três dias pela chuva que ocorreu no final do mês. De um modo geral, esperava-se uma produtividade semelhante à do ano anterior. No entanto, em algumas explorações as plantas encontravam-se mais secas, com maior percentagem de matéria seca. A qualidade ainda não tinha sido avaliada em termos de teor proteico.

Na sequência do corte do milho, começaram a ser realizadas gradagens para preparar as novas sementeiras das culturas forrageiras de outono-inverno, que serão iniciadas em setembro.

As condições de alimentação das diversas espécies pecuárias mantiveram-se, de um modo geral, idênticas a igual período do ano anterior. Os bovinos de raça brava continuavam a dispor de pasto suficiente, sem necessidade de recorrer a outro tipo de alimentação. Os bovinos em regime extensivo, com aptidão de carne, mantinham-se em pastoreio e suplementados com fenos, à semelhança do mês anterior. Os animais estabulados, em especial com aptidão leiteira, mantinham os regimes alimentares habituais.

Na **Grande Lisboa**, os prados e pastagens de sequeiro mantiveram-se secos, como já o estavam no mês anterior. Os prados e pastagens irrigados encontravam-se com bom vigor vegetativo, servindo para alimentação animal direta em sistema de pastoreio rotacional.

Durante o mês em algumas parcelas ainda se realizou o segundo corte de forrageiras de regadio para fenossilagem, estando o terceiro previsto para o mês de setembro. A qualidade do segundo corte foi superior ao do primeiro, com a fenossilagem mais limpa de infestantes e com melhor teor proteico. A produtividade foi muito semelhante à do ano anterior. Nas parcelas

onde o corte para fenossilagem se encontrava concluído, procedeu-se ao destroçamento do restolho, previamente gadanhado. Em algumas parcelas prevê-se o início, no final de setembro ou início de outubro, das sementeiras de azevém e de consociações forrageiras. A aplicação de chorume nesta fase, antes da instalação das culturas, foi uma medida contornada por alguns agricultores devido aos elevados encargos associados à operação, designadamente em mão de obra e consumo de combustível, acrescendo a inexistência de equipamento próprio para a sua realização, o que implicaria o recurso a prestação de serviços.

Face à reduzida disponibilidade de pastagem de sequeiro, o efetivo pecuário mantido em regime extensivo nessas pastagens continuou a ser suplementado com feno e fenossilagem, não tendo sido necessário recorrer à utilização de rações industriais. Estas condições de alimentação animal mantiveram-se semelhantes a igual período do ano anterior.

Na **Península de Setúbal**, no final do mês as pastagens apresentavam-se em geral muito secas, com decréscimo acentuado de disponibilidade de alimento para os animais. No entanto, e à semelhança dos meses anteriores, em situações mais favoráveis, as pastagens continuavam a disponibilizar quantidade suficiente de alimento para assegurar o pastoreio do efetivo.

Mantém-se o referido no relatório anterior: "*Relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, na produção de silagem as produtividades obtidas foram semelhantes às verificadas na campanha anterior. Em algumas situações, foi necessário antecipar os cortes, de forma a evitar a perda de qualidade da forragem por desidratação excessiva devido às elevadas temperaturas e secagem do solo. No que respeita aos fenos, os cortes decorreram maioritariamente durante os meses de junho e julho. Verificou-se um decréscimo da produtividade relativamente a 2025. O desenvolvimento vegetativo inicial foi seguido de uma evolução rápida, levando a uma maior fibrosidade do material vegetal e consequente redução da qualidade.*

Conforme referido anteriormente relativamente às culturas forrageiras de outono-inverno, a precipitação prolongada inviabilizou, em muitos casos, a realização do primeiro corte, tendo várias parcelas produzido apenas um corte. Esta redução da disponibilidade de forragem para alimentação animal durante o período de inverno aumentou a necessidade de recorrer às culturas forrageiras de primavera-verão, nomeadamente ao milho para silagem."

No final do mês, o milho destinado à produção de silagem apresentava bom desenvolvimento vegetativo e boa qualidade, tendo-se iniciado a colheita em meados de agosto nos campos mais adiantados, entre os estádios de grão leitoso e pastoso. Nos campos mais tardios prevê-se a realização de cortes no início de setembro e no final desse mês, em função das diferentes datas de sementeira.

Relativamente à erva do Sudão, as sementeiras decorreram durante os meses de maio e junho, destinando-se a produção exclusivamente ao corte para conservação. No caso da silagem prevê-se a realização de três cortes durante a campanha, o primeiro foi efetuado em meados de julho, o segundo neste mês e o último corte deverá ocorrer em meados de setembro. No caso da fenossilagem prevê-se a realização de dois cortes, o primeiro foi efetuado em meados deste mês e o segundo corte deverá ocorrer em início de outubro.

Nas condições mais favoráveis, que permitiram o aproveitamento direto das pastagens e à semelhança dos meses anteriores, a suplementação alimentar ainda não tinha sido iniciada, mantendo-se os animais exclusivamente em regime de pastoreio, prevendo-se o início da suplementação em outubro. Noutras situações, a alimentação do efetivo tem sido complementada com fenos e palhas deste ano e da campanha anterior, em caso de reservas armazenadas.

Mantém-se o referido no relatório anterior: "*Relativamente à disponibilidade e à qualidade das forragens de outono-inverno, de um modo geral, as condições foram menos favoráveis do que as observadas no ano anterior. A ocorrência de precipitação intensa e fora de época, temperaturas elevadas e consequente aumento da secura, condicionou negativamente o seu desenvolvimento. Assim, tanto a produção como a conservação das forragens foram afetadas, prevendo-se uma menor disponibilidade de reservas, sendo as perspetivas para o seu armazenamento significativamente inferiores às verificadas no ano anterior.*"

Cereais praganosos: andamento das colheitas; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

No **Oeste**, as colheitas de trigo e de cevada ficaram concluídas na primeira quinzena. Como referido nos meses anteriores, devido às sementeiras terem ocorrido em geral muito tarde, e o tempo ter sido muito seco e quente fazendo as plantas espigarem e secarem muito cedo, a produção foi prejudicada. As temperaturas mais extremas ocorridas no início de julho, tiveram uma forte influência na produtividade e na qualidade dos cereais, que, de um modo geral, foram inferiores à perspetiva inicial. Uma boa parte da produção apresentou calibres baixos e uma qualidade inferior, tendo sido encaminhada para ração. Algumas searas, colhidas já em agosto, alcançaram produtividades um pouco melhores, embora abaixo dos valores médios para a região, e uma qualidade adequada para alimentação humana, circunstâncias que permitiram o encaminhamento da produção de trigo e cevada para panificação e para a indústria cervejeira, respetivamente. Estima-se que a produtividade média seja semelhante ou ligeiramente inferior ao ano anterior.

No **Médio Tejo**, a colheita das culturas cerealíferas decorreu com normalidade e ficou praticamente concluída em julho. A colheita destas culturas realizou-se bastante mais tarde quando comparada com um ano agrícola normal. A campanha caracterizou-se, em termos quantitativos, por uma produção significativamente inferior à da campanha anterior. As áreas instaladas foram muito reduzidas e as sementeiras possíveis de realizar ocorreram bastante mais tarde do que o habitual. Contudo, o desenvolvimento das culturas foi muito positivo, em resultado das favoráveis condições climatéricas e fitossanitárias verificadas nos últimos meses, as quais beneficiaram a capacidade produtiva destas culturas. No que respeita aos trigos, em especial o trigo mole, verificou-se uma produtividade superior à registada no ano anterior. As boas condições já referidas proporcionaram um bom enchimento dos grãos e contribuíram para a obtenção de valores muito favoráveis de peso específico. Os grãos apresentaram excelentes parâmetros de qualidade para a panificação. Relativamente à cevada, verificou-se uma produtividade semelhante à do ano anterior. Os grãos de cevada dística destinados à indústria cervejeira apresentaram bons parâmetros de qualidade, tendo já sido definidos os preços a pagar aos produtores e realizados cerca de 80% dos respetivos pagamentos.

Na **Lezíria do Tejo** e no **Baixo Sorraia**, as colheitas das culturas cerealíferas ficaram concluídas na primeira metade do mês. Como já referido anteriormente, verificou-se heterogeneidade na qualidade do cereal colhido. A qualidade da produção foi boa em algumas searas e noutras foi inferior, dependendo da localização e da exposição da cultura ao excesso de água no solo durante o inverno. De um modo geral, as produtividades foram baixas, um pouco menores do que o perspetivado antes da colheita. Os preços pagos ao produtor mantiveram-se baixos.

Na **Grande Lisboa**, a colheita da cevada de regadio, de ciclo curto, semeada tardiamente (em maio) decorreu em meados do mês. Apesar do reduzido tamanho das espigas, a produtividade obtida foi superior à inicialmente expectável. O resultado alcançado poderá estar associado ao reforço da rega efetuado durante os períodos de temperaturas mais elevadas, que terá contribuído para assegurar as necessidades hídricas da cultura durante as fases determinantes para a formação e enchimento do grão.

Na **Península de Setúbal**, o triticale foi colhido no mês de julho. Mantém-se o referido em relatório anterior: "*As condições meteorológicas adversas verificadas ao longo da campanha, em particular na fase inicial, marcada por precipitação muito elevada, condicionaram a instalação da cultura. O excesso de humidade provocou o apodrecimento de sementes e de plântulas após a sementeira, tornando necessário ressemear algumas parcelas. Por outro lado, o grão secou prematuramente, sem desenvolvimento posterior. Como consequência destas condições, o desenvolvimento da cultura foi irregular ao longo do ciclo vegetativo, refletindo-se na produtividade final, que foi inferior à registada na campanha anterior.*

Também para a aveia e trigo prevê-se um decréscimo semelhante na produtividade, face às mesmas condicionantes verificadas durante a campanha."

Culturas arbóreas e arbustivas, nomeadamente vinhas, pomares de pomóideas, prunóideas, citrinos, kiwis, frutos secos e olivais: estado vegetativo; produção quanto aos aspetos de qualidade e quantidade

Vinha

No Oeste, as vinhas de uva para vinho encontravam-se em plena maturação, com uma antecipação do ciclo vegetativo em cerca de quinze dias face ao ano anterior bem como aos últimos anos, tanto nas castas brancas como nas tintas. A vindima irá começar nos primeiros dias de setembro em algumas adegas e noutras uma semana depois. Arrancará, como habitualmente, com as castas brancas, designadamente com a Fernão Pires que é a mais precoce. As uvas estavam a amadurecer depressa, prevendo-se uma vindima concentrada. Pela observação das vinhas estimava-se um aumento de produtividade acentuado face ao ano anterior, nas castas brancas e nas tintas. Houve abandono de algumas vinhas devido à crise que o setor vitivinícola atravessa, pelo que a receção de uva nas adegas poderá não ter paralelo com o aumento da produção no campo. Embora pontualmente tenha havido problemas de podridão, com maior intensidade devido à chuva no final do mês, de um modo geral, a uva encontrava-se em bom estado fitossanitário e com boa qualidade, apresentando níveis de açúcar e de teor alcoólico potencial interessantes. Os níveis de acidez eram um pouco baixos nas castas brancas, podendo ser um ano mais difícil para a produção de vinhos brancos de qualidade e em linha com os gostos do mercado, que procura vinhos de teor alcoólico baixo e com mais acidez. Nas castas tintas a acidez apresentava-se mais elevada, perspetivando-se um ano de bons vinhos.

Nas vinhas de uva de mesa continuaram a decorrer as colheitas. Encontravam-se quase a terminar as variedades mais precoces, como a Cardinal, a Vitória, a Sugraone e a ARRA 30. A variedade Red Globe estava em colheita na maior parte das vinhas, tendo sido iniciada

na segunda metade do mês. Nesse período, deu-se início à colheita das variedades Dona Maria e Moscatel em algumas vinhas, mas noutras será iniciada apenas em setembro. No próximo mês terá início a colheita das variedades Palieri e Alphonse Lavallée. Em algumas vinhas, foi identificada uma produtividade semelhante à do ano precedente e noutras uma produtividade superior. Em geral o ano foi mais produtivo, com as videiras a apresentarem um número generoso de cachos na maior parte das variedades. A incidência de míldio no cacho, provocada por humidades noturnas elevadas nos meses anteriores, apesar dos tratamentos realizados, causou perda de produção em algumas vinhas. Verificou-se igualmente perda de produção nas vinhas que foram mais afetadas pelo escaldão solar, o qual também teve impacto na qualidade, mas esta, na globalidade, manteve-se boa. Em termos gerais, estima-se uma produtividade mais elevada do que no ano anterior.

No Médio Tejo, as vinhas de uva para vinho, designadamente nas castas mais precoces, encontravam-se em vindima desde o final de julho, estando a mesma a decorrer com normalidade. A colheita foi apenas interrompida nos períodos de precipitação mais intensa. Espera-se uma campanha de muito boa produção, quer em quantidade quer em qualidade, destacando-se a excelente qualidade das uvas já colhidas.

Nas vinhas para uva de mesa estava a decorrer a colheita. Prevê-se um aumento significativo de produtividade relativamente ao ano anterior. A produção já colhida denotava uma boa qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as vinhas para vinho no início do mês encontravam-se no estado fenológico N – Maturação, tendo sido iniciada a colheita. As vindimas decorreram com normalidade, encontrando-se no final do mês já bastante adiantadas. Apesar de restarem ainda vários dias de vindima, estimava-se um aumento significativo de produtividade comparativamente ao ano anterior. Em termos qualitativos, a uva apresentava boa qualidade, idêntica ao ano anterior.

As vinhas para uva de mesa encontravam-se em colheita, tendo sido a meio do mês iniciada na variedade Red Globe. A uva Dona Maria será colhida em setembro. Estimava-se um aumento significativo de produtividade comparativamente ao ano anterior. A produção colhida apresentava boa qualidade.

Na Grande Lisboa, durante o mês deu-se início à vindima de uva para vinho, tendo a maioria das castas brancas atingido a plena maturação fisiológica. Na zona de Mafra, as primeiras vindimas foram as das castas brancas, designadamente da Fernão Pires, prevendo-se o início da colheita das castas tintas no início de setembro. Na zona de Vila Franca de Xira, também teve início a colheita das uvas brancas. A vindima das castas tintas, como a Syrah, Castelão e Tinta Roriz, está prevista para o início de setembro. Nestas últimas verificou-se um ligeiro atraso na maturação, associado à ocorrência de períodos de temperaturas elevadas. Conforme referido no relatório anterior, a casta Castelão foi particularmente afetada pela onda de calor ocorrida no início de julho, tendo-se observado escaldão dos bagos e estimando-se uma quebra da sua produtividade. Na zona de Sintra, a partir de 20 de agosto iniciou-se a vindima das castas mais precoces, nomeadamente Chardonnay (branca) e Pinot (tinta), mantendo-se as restantes em processo de maturação. Para estas castas estima-se um aumento significativo da produtividade relativamente à campanha anterior.

Relativamente à vinha de uva de mesa, no final do mês cerca de metade da área da cultura na região encontrava-se vindimada. Na generalidade das parcelas, o estado fenológico correspondia a N – Maturação, e apresentavam-se com boa qualidade, apesar dos danos provocados pelas temperaturas elevadas e pela

incidência de doenças em algumas castas. Estima-se uma produtividade favorável, com um acréscimo relativamente à campanha anterior.

Na Península de Setúbal, relativamente ao estado fenológico das vinhas de uva para vinho, nas castas brancas verificou-se uma antecipação das maturações relativamente ao habitual. De um modo geral, a vindima teve início a partir de meados do mês com as castas brancas. A evolução das maturações revelou, contudo, alguma heterogeneidade entre castas, pelo que a calendarização da vindima foi efetuada de forma escalonada, em função do grau alcoólico, acidez e estado sanitário das uvas. A casta Moscatel, com maturação mais tardia, encontrava-se com evolução dentro do esperado. As perspetivas apontam para uma boa qualidade potencial dos vinhos brancos, com equilíbrio entre grau e acidez, perspetivando-se um ano favorável. Relativamente às castas tintas, encontravam-se maioritariamente no estado N – Maturação, não se tendo verificado a antecipação da maturação observada nas castas brancas, sendo a evolução mais próxima do calendário habitual. Nestas castas, a ocorrência de precipitação durante o período de maturação contribuiu para o risco de desenvolvimento de podridões. Efetivamente, verificaram-se alguns focos de podridão, sendo necessário acompanhar a evolução do estado sanitário dos cachos e ajustar a data de colheita em função da evolução da maturação. Algumas castas tintas iniciaram a colheita ainda durante o mês de agosto, sendo que a maior parte deverá iniciar no princípio de setembro ou entrar progressivamente em vindima ao longo desse mês. A partir de 7 de setembro prevê-se o aumento da receção de uvas tintas nas adegas, a par da conclusão da vindima das castas brancas e da entrada das castas de maturação mais tardia, nomeadamente a Moscatel. A receção das uvas nas adegas decorreu dentro da normalidade e com funcionamento regular, com uma cadência de entrega escalonada e sem ocorrência de afluências excecionais. Prevê-se que as vindimas decorram até ao final de setembro, embora a heterogeneidade das maturações possa prolongar algumas colheitas para o início de outubro. Relativamente à produtividade, as primeiras estimativas apontam para valores globalmente superiores aos da campanha anterior, que se caracterizou por uma produção particularmente baixa. Apesar do acréscimo, a recuperação não é considerada excecional. Efetivamente, quando comparada com um ano considerado normal, a produtividade prevista para a presente campanha situa-se, de um modo geral, num nível médio, o que se traduz numa recuperação face aos baixos níveis registados em 2025, não significando, contudo, que se esteja perante uma campanha de produtividade elevada.

Pomóideas

No Oeste, as colheitas de pera Rocha tiveram início na segunda semana e encontravam-se praticamente concluídas no final do mês. As condições de instabilidade climatérica, designadamente as temperaturas elevadas e a precipitação, que aceleraram a maturação dos frutos, e a falta de mão de obra, fizeram com que alguma fruta por vezes não fosse colhida nas melhores condições, especialmente para longa conservação, por terem começado a perder dureza rapidamente. Devido às elevadas temperaturas do mês de julho, que limitaram o crescimento dos frutos e que não foi possível compensar até à colheita, os calibres foram mais baixos do que no ano anterior. A produção colhida apresentava bons teores de sólidos solúveis. Em termos gerais estima-se uma produtividade bastante melhor do que no ano anterior.

A colheita de maçãs do grupo Gala arrancou praticamente em simultâneo com a da pera Rocha e no final do mês encontrava-se bastante adiantada. O rápido amadurecimento associado à precipitação levou a que alguns frutos rachassem junto ao pedúnculo perdendo valor comercial. A colheita da maçã Reineta também já se encontrava adiantada. Nas variedades dos grupos Golden, Fuji, Gramy Smith e outras mais tardias, os frutos

estavam em desenvolvimento e a ganhar calibre devido à precipitação. Em termos globais, nas maçãs estima-se uma ligeira diminuição da produtividade comparativamente ao ano anterior, em resultado dos efeitos das temperaturas extremas no mês de julho, que desacelerou o crescimento dos frutos, e das condições desfavoráveis em que decorreu a floração, causando problemas de pedrado bem como de fogo bacteriano. A diminuição da produtividade será mais expressiva nas variedades Fuji e Reineta do que na variedade Gala, que é a mais representativa na região. Na variedade RegalYou estima-se um aumento. Também nas maçãs Gala os calibres foram menores, apesar da chuva ter favorecido o seu desenvolvimento, e os teores de sólidos solúveis igualmente bons.

Na Grande Lisboa, durante o mês verificou-se a plena maturação dos pomares mais precoces, tendo-se procedido à respetiva colheita, nomeadamente da pera Rocha e da maçã Gala. Nas variedades temporãs e tardias, os frutos mantiveram-se ainda em fase de maturação, observando-se uma evolução gradual do calibre e do teor de sólidos solúveis (grau *Brix*), indicadores do progressivo desenvolvimento e maturação dos frutos. A campanha de colheita foi condicionada por condições meteorológicas instáveis, que contribuíram para um adiantamento da maturação dos frutos. Esta situação, conjugada com a reduzida disponibilidade de mão de obra para a realização das operações de colheita, condicionou o normal desenvolvimento dos trabalhos, tendo parte da produção sido colhida fora do período considerado mais adequado, com particular incidência nos frutos destinados a conservação prolongada.

Na Península de Setúbal, as macieiras e pereiras apresentavam em geral bom desenvolvimento e bom estado fitossanitário. No que respeita à colheita, a da maçã que se tinha iniciado a partir de meados de julho, terminou em meados deste mês. A qualidade global da produção foi boa. Os calibres foram, de um modo geral, inferiores ao desejado, embora a coloração tenha sido razoável. Os valores de grau *Brix* foram bons e superiores aos registados na campanha anterior. A maçã da variedade RegalYou, de maturação mais tardia, deverá ser colhida em meados ou na penúltima semana de setembro, dependendo da evolução da maturação. Na pereira, a colheita iniciou-se em meados de agosto e terminou no final do mês. A qualidade global da produção foi boa. O calibre foi médio, mais baixo que na campanha anterior. As estimativas apontam para uma produtividade ligeiramente superior à do ano passado no caso da maçã e um pouco superior no caso da pera.

Prunóideas

No Oeste, durante o mês ficaram concluídas as colheitas das variedades mais tardias de ameixas e de pêssegos. Como já referido no mês anterior, a produtividade foi semelhante à de um ano normal e muito superior ao ano passado. Os frutos apresentaram bastante qualidade, com bom calibre, boa textura da polpa e grau *Brix* elevado.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês foram realizadas colheitas das variedades mais tardias de ameixas e de pêssegos. A produção colhida, de um modo geral, apresentou boa qualidade. Mantém-se a estimativa de um aumento da produtividade comparativamente ao ano anterior, que foi um ano de produção baixa.

Na Grande Lisboa, a maioria das variedades de ameixa já se encontrava colhida no final do mês, pelo que as árvores já iniciaram a translocação de assimilados para os tecidos lenhosos, provocando a descoloração das folhas e consequente queda das mesmas, entrando progressivamente em repouso vegetativo.

Na Península de Setúbal, a colheita das ameixas, que se tinha iniciado no princípio de julho, terminou no final de agosto registando-se uma produção significativamente superior à da campanha anterior.

Citrinos

No Oeste, nos pomares de limão, os frutos vingados da floração de primavera encontravam-se em desenvolvimento e eram em quantidade semelhante à de um ano médio. Durante o mês houve poucos frutos por colher, situação que se irá prolongar por setembro e outubro, ainda em resultado da queda massiva de limão provocada pelos ventos fortes durante a tempestade Kristin. Durante o mês não houve necessidade de intensificar a rega. A precipitação no final do mês foi muito benéfica para os limoeiros.

No Médio Tejo, os pomares de limão encontravam-se em bom estado, com um desenvolvimento regular.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os pomares de laranja (variedades Dalmau e Newhall), apresentavam um bom estado vegetativo e frutos em crescimento. Durante o mês realizaram-se as fertilizações habituais para a época. Relativamente à produtividade, estimava-se um aumento face ao ano anterior, semelhante ou ligeiramente superior a um ano médio.

Na Grande Lisboa, relativamente à produção de limão, a reduzida procura no mercado tem condicionado o escoamento da produção, verificando-se a permanência de parte da produção nos pomares, por colher.

Na Península de Setúbal, no final do mês os limoeiros encontravam-se com os frutos em crescimento, ainda pequenos. A colheita deverá iniciar-se em outubro.

Nos pomares de tangerineiras, as plantações adultas mantiveram-se predominantemente em fase de crescimento e desenvolvimento dos frutos, com aumento progressivo do calibre e evolução normal para a época. O desenvolvimento vegetativo continuou a verificar-se, sobretudo nas plantações mais jovens, com crescimento e consolidação da copa.

Figueiras

No Médio Tejo, ao longo do mês decorreram as colheitas dos figos vindimos nas variedades Pingo de Mel e Preto de Torres Novas. A produção de figos vindimos, em especial de Pingo de Mel teve uma grande quebra devido à precipitação, o mesmo tendo acontecido ao figo Preto de Torres Novas, principalmente para secar. A colheita dos figos lampos (variedades Lampa Preta, Maia e Dauphine) ficou concluída em junho, sendo a produção superior à de um ano normal. Este aumento de produção originou constrangimentos na comercialização e pressão descendente sobre os preços, devido à elevada perecibilidade do produto e à sua reduzida capacidade de conservação em frio. Os figos lampos apresentaram boa qualidade.

Na Grande Lisboa, deu-se por concluída a colheita de figo, com qualidade adequada, não tendo sido observadas ocorrências relevantes suscetíveis de comprometer a comercialização dos frutos. Em termos quantitativos, a produção foi semelhante à registada no ano anterior, não se verificando variações significativas no rendimento da cultura.

Amendoal

No Médio Tejo, a colheita iniciou-se a meados de agosto apenas interrompida nos dias de chuva mais forte, prevendo-se a sua continuidade em setembro. A produtividade esperada é superior à do ano anterior, verificando-se também uma boa qualidade do miolo.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês decorreram as colheitas de amêndoa, que se irão prolongar em setembro. Prevê-se um ano de boa produtividade, superior à do ano anterior, e de boa qualidade do miolo. No entanto, nos pomares assolados pelas cheias do rio Tejo, a cultura ficou comprometida devido a asfixia radicular, prevendo-se o arranque de pomares.

Na Península de Setúbal, o amendoal apresentava bom desenvolvimento, com miolo de bom calibre. Mantêm-se as perspetivas de uma produção ligeiramente superior à registada na campanha anterior, embora este acréscimo continue a revelar-se insuficiente para compensar o aumento dos custos de produção. A colheita está prevista para o início de setembro.

Nogueiral

No Médio Tejo, as nogueiras encontravam-se praticamente com a maturação fisiológica do fruto terminada e em fase de maturação pré-colheita. Prevê-se o início das colheitas na segunda quinzena de setembro. Contrariamente ao esperado, prevê-se uma produção ligeiramente inferior à dos anos anteriores, principalmente nos pomares atingidos pelas cheias. Apesar disso, os frutos apresentavam bons calibres e muita qualidade no miolo.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, tinha terminado a maturação fisiológica dos frutos, encontrando-se os pomares de nogueiras na fase de pré-colheita. Na segunda quinzena de setembro prevê-se o início da colheita. Com o avanço do ciclo da cultura, a perspetiva de produtividade diminuiu, esperando-se que seja ligeiramente menor comparativamente ao ano anterior, principalmente nos pomares afetados pelas cheias do rio Tejo. Em termos de qualidade dos frutos registava-se uma boa distribuição de calibres e boa qualidade do miolo.

Olival

No Oeste, a presença de mosca da azeitona deu-se com muita intensidade e teve um efeito destrutivo na produção, principalmente nas variedades ou parcelas mais precoces que anteciparam a maturação fisiológica dos frutos, os quais já se encontravam em estado de colheita no final do mês e com muita azeitona picada no chão, com registo de situações de perda quase total. Os lagares na região iniciam a laboração habitualmente na segunda metade de setembro e a pouca expressão da azeitona em ponto de colheita, não justifica a antecipação da abertura dos lagares, perspetivando-se a perda de boa parte da produção mais precoce. Nos olivais de variedades temporãs e tardias, que tinham terminado a lenhificação do caroço e estavam a aumentar a polpa e a armazenar gordura, a produção não ficou tão danificada pelos ataques de mosca da azeitona. Além de perdas quantitativas a praga causa perda de qualidade, antevendo-se uma quebra expressiva na quantidade e na qualidade dos azeites, mais significativa nas variedades ou parcelas mais precoces.

No Médio Tejo, nos olivais tradicionais, especialmente nas variedades mais precoces, verificou-se, contrariamente ao observado nos últimos anos, uma antecipação da maturação fisiológica das azeitonas. Pela reduzida representatividade destas variedades na região e pelo facto de os lagares ainda não terem iniciado a sua atividade, parte desta produção não será colhida. Por outro lado, nas restantes variedades tradicionais, a proliferação de uma nova geração de mosca da azeitona, favorecida pelas condições meteorológicas registadas em agosto, teve um forte impacto nas azeitonas, provocando, em algumas parcelas e nas variedades mais suscetíveis, perdas

qualitativas significativas e redução do potencial produtivo. Neste contexto, prevê-se uma diminuição da quantidade e da qualidade dos azeites produzidos a partir das variedades mais suscetíveis e/ou nas mais precoces, comprometendo a obtenção de azeites de elevada qualidade. Os olivais intensivos, encontravam-se com os frutos em crescimento. Nestes olivais, não se observou um impacto significativo na região quer das condições climatéricas quer da pressão fitossanitária, observando-se uma regularidade do crescimento dos frutos, perspetivando-se em termos quantitativos, boas produtividades. No que respeita à qualidade da azeitona, não foram evidenciados problemas que comprometam a sua qualidade.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os olivais encontravam-se com as azeitonas em crescimento e com o processo de lipogénese a decorrer. No final do mês estimava-se uma produtividade semelhante ou um pouco superior à da campanha anterior, sobretudo em alguns olivais conduzidos em sebe (superintensivos). Relativamente à qualidade, espera-se que a precipitação ocorrida no final do mês não venha a ter efeitos fitossanitários negativos. Muitos produtores realizaram tratamentos preventivos para minimizar esses efeitos.

Na Grande Lisboa, ao contrário dos últimos anos, as variedades mais precoces anteciparam a maturação fisiológica das azeitonas e, dada a pouca expressividade das mesmas na região e o fato de os lagares ainda não terem iniciado a sua atividade, parte da produção não será colhida e a restante dificilmente produzirá azeites de grande qualidade.

Estado vegetativo das culturas arvenses de sequeiro e regadio nomeadamente Milho, Arroz, Grão de bico, Feijão, Tomate (para indústria) e Girassol; disponibilidade de água para rega

Milho de sequeiro

No Oeste, com a secagem precoce das plantas em resultado das condições climatéricas dos meses anteriores (temperaturas elevadas e ausência de precipitação), foi antecipado o início da colheita. No final do mês, as colheitas encontravam-se adiantadas no Baixo Oeste, e no Alto Oeste terão início na primeira semana de setembro. As condições climatéricas acima referidas, influenciaram negativamente a produção, estimando-se uma produtividade inferior à perspetiva inicial. O milho já colhido apresentava boa qualidade sanitária, mas com grãos de calibre baixo.

Milho de regadio

No Médio Tejo, a cultura apresentava-se em boas condições e em diferentes estádios de desenvolvimento, desde a fase de grão leitoso à fase de maturação do grão. A colheita na região prevê-se ter início na segunda semana de setembro. Nesta campanha é estimada uma produtividade semelhante ou ligeiramente inferior à do ano anterior. Em geral, as reservas hídricas mantiveram-se suficientes e houve disponibilidade de água para a rega. Salienta-se, no entanto, a persistência de constrangimentos no acesso à água para rega proveniente do rio Tejo, especialmente nas zonas situadas a norte de Constância.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o milho encontrava-se em vários estádios de desenvolvimento. Alguns campos estavam no desenvolvimento do grão, outros em maturação e os mais adiantados com o corte da rega já efetuado, a iniciar a secagem das plantas. Prevê-se o início das colheitas a partir de meados de

setembro. Durante o ciclo da cultura, registou-se boa disponibilidade de água para rega. Em termos de produtividade e de qualidade, verificava-se diferença nas searas. As mais tardias estavam em melhores condições do que as mais precoces. Esta heterogeneidade decorreu das condições mais difíceis no arranque da cultura, com as noites ainda frias que prejudicaram o desenvolvimento inicial das primeiras sementeiras. Embora os dados sejam ainda um pouco imprecisos, estima-se uma produtividade superior à da campanha anterior.

Na Grande Lisboa, a cultura apresentava-se ligeiramente atrasada no seu desenvolvimento, mantendo-se as maçarocas ainda verdes no final do mês. As condições verificadas ao longo do ciclo determinaram alguma diferença no desenvolvimento entre parcelas, em função, nomeadamente, da data de instalação da cultura. No final do mês, o milho apresentava, de um modo geral, bom desenvolvimento das maçarocas, embora ainda em fase de maturação como atrás referido. Nas parcelas de instalação mais precoce, realizadas no final de abril, prevê-se o início da colheita no final de setembro ou início de outubro, seguindo-se as parcelas instaladas posteriormente. Nesta fase ainda é difícil efetuar uma estimativa de produtividade, devendo esta ser avaliada após a conclusão da maturação. Não foram evidenciadas faltas de água para a rega da cultura.

Na Península de Setúbal, as sementeiras de milho de regadio decorreram desde meados de abril até meados de julho, estimando-se uma redução da área semeada relativamente à campanha anterior. No final de agosto, a cultura do milho para grão apresentava, de um modo geral, bom desenvolvimento, tendo as condições térmicas registadas durante o período de floração sido favoráveis à evolução da cultura. No final do mês, as plantas encontravam-se em fase de enchimento e maturação do grão, com as maçarocas já formadas e o grão a evoluir da fase pastosa para a formação do dente, apresentando progressivamente maior dureza e coloração amarelada. A evolução da maturação e da secagem do grão poderão ser condicionadas por condições de elevada humidade atmosférica, nomeadamente no período noturno. A colheita está prevista para outubro, dependente da evolução da maturação e da secagem do grão, e das condições meteorológicas. A disponibilidade de água para rega foi suficiente ao longo do ciclo da cultura. A redução nas dotações de rega vinha já sendo efetuada de forma progressiva, acompanhando a aproximação da maturação e a consequente diminuição das necessidades hídricas da cultura. De salientar o referido no relatório anterior: *"Apesar do bom estado geral da cultura, o contexto económico continua a suscitar preocupação. Os preços do milho permanecem baixos, fortemente condicionados pelos mercados internacionais, enquanto muitos dos fatores de produção, nomeadamente combustíveis e produtos fitofarmacêuticos, foram adquiridos quando os preços se encontravam elevados, reduzindo a rentabilidade esperada da campanha."*

Arroz

No Oeste, os arrozais apresentavam um bom desenvolvimento vegetativo, encontrando-se no estado fenológico R4 – Antese, ou espigamento, um dos momentos mais críticos e sensíveis do ciclo da cultura, em que se dá a abertura das flores (glumelas) e a libertação do pólen para que ocorra a autofecundação. As áreas mais adiantadas estavam no fim do espigamento. Nas mais atrasadas, cerca de 50% das plantas encontravam-se espigadas. O início da colheita está previsto para outubro. Ainda é muito cedo para estimar a produtividade atendendo à fase do ciclo cultural em que as searas se encontravam. No entanto, a produtividade este ano poderá ser inferior à de um ano médio, devido a fatores climatéricos que levaram à instalação tardia dos arrozais e à presença de

infestantes com uma intensidade mais elevada do que o habitual. A disponibilidade de água para a cultura foi boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, os arrozais apresentavam-se entre os estádios fenológicos de encanamento e maturação do grão, de acordo com as datas de sementeira. O arranque da colheita estava previsto para o início da segunda semana de setembro. Embora exista ainda alguma incerteza relativamente à produtividade e à qualidade da produção, estimam-se que sejam semelhantes ao ano anterior. Em geral, a disponibilidade de água foi adequada ao normal desenvolvimento da cultura, mantendo-se identificadas situações pontuais de alguma limitação.

Na Grande Lisboa, nas searas de instalação mais precoce, a colheita teve início entre os dias 10 e 15, prevendo-se que os trabalhos de colheita se prolonguem até ao mês de novembro, em função da evolução do ciclo das searas instaladas mais tardiamente. De um modo geral, o estado das searas apresentava-se satisfatório, estimando-se, nesta fase, uma produtividade global semelhante à registada na campanha anterior. A confirmação desta estimativa dependerá, contudo, da evolução das searas mais tardias e, em particular, do eventual impacto da precipitação ocorrida durante a fase de floração bem como dos danos causados pelas pragas e doenças que se têm vindo a acompanhar no respetivo capítulo sobre "Fitossanidade". Não foram assinaladas faltas de água para a cultura.

Na Península de Setúbal as sementeiras decorreram desde o início de maio até à primeira quinzena de junho. No final do mês, a cultura aproximava-se do final do ciclo, com desenvolvimento dentro da normalidade, encontrando-se em fase de maturação, em geral com o grão já formado e em processo de enchimento. A maturação decorreu de forma relativamente lenta, condicionada pela descida das temperaturas mínimas. A disponibilidade de água para rega manteve-se elevada, não se tendo registado constrangimentos ao nível do abastecimento à cultura. Mesmo com o funcionamento da indústria de tomate para transformação, não se verificaram limitações, mantendo-se a água disponível em quantidade e com boa qualidade. A colheita deverá iniciar-se entre meados de setembro e meados de outubro, dependendo do estado da cultura. Cerca de 15 dias antes da ceifa será efetuado o corte do abastecimento da água aos canteiros, de forma a permitir a secagem e criar condições adequadas à entrada das máquinas. Considerando a redução da área e consequentemente da quantidade de arroz a colher, a duração dos trabalhos de colheita deverá ser inferior à habitual, estando o seu término previsto, em algumas situações, até meados de outubro.

Grão de Bico

Na Lezíria do Tejo, verificou-se um grande atraso nas colheitas devido à proibição de trabalhos agrícolas nos períodos de calor extremo e à precipitação no final do mês, pelo que ainda não estavam concluídas.

Feijão

No Oeste, de um modo geral, a colheita encontrava-se concluída. As temperaturas elevadas e a falta de precipitação durante o ciclo da cultura, interferiram na produtividade e no calibre do feijão. Estima-se uma produtividade semelhante ao ano anterior, que não foi um ano bom, e grãos de calibre baixo, bem como a presença de alguns grãos murchos.

No Médio Tejo, a cultura encontrava-se na fase inicial de colheita, com a debulha a decorrer. Em termos quantitativos estimava-se uma produtividade inferior à de um ano normal. A instalação tardia da cultura na região e o seu desenvolvimento lento, condicionado

pelas elevadas temperaturas, sobretudo durante a fase de formação das vagens, comprometeram o potencial produtivo. Em algumas áreas, observou-se uma má formação dos grãos e enchimentos incompletos, fatores que contribuíram para a redução do rendimento da cultura.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, o feijão estava a começar a "mudar de cor", a entrar na fase final de enchimento da vagem e a avançar para a maturação. Prevê-se o início da colheita na segunda metade de setembro.

Tomate para indústria

No Oeste, a colheita do tomate para indústria arrancou no início de agosto e irá terminar nos primeiros dias de setembro. Com a colheita já muito adiantada, baixou ligeiramente a expetativa de produtividade, que se estima um pouco menor do que no ano anterior. Terá contribuído para esta revisão em baixa, as temperaturas muito elevadas registadas no final de junho e início de julho, que causaram aborto de flores nas searas mais tardias e queimadura solar de frutos nas searas mais adiantadas. A produção, de modo um pouco generalizado, apresentava menor grau *Brix*, principal parâmetro de qualidade para a valorização final da produção. Os restantes parâmetros de qualidade apresentam-se semelhantes ao ano anterior (cor, maturação, impurezas, integridade sanitária, pH, consistência e viscosidade, entre outros). Houve boa disponibilidade de água para a cultura.

No Médio Tejo, a colheita decorreu ao longo do mês com normalidade até ser interrompida no período das chuvas, encontrando-se a meio no final do mês. Prevê-se a sua conclusão em setembro. Mantém-se a estimativa de uma boa produtividade, que comparativamente ao ano precedente se considerou ser aproximada. Devido ao efeito das chuvas na aceleração da maturação dos frutos, observaram-se alguns frutos excessivamente maduros, que, em princípio, não serão colhidos. No entanto, espera-se que estas perdas possam ser compensadas pelos frutos cujo amadurecimento foi antecipado. Aguardava-se, no próximo mês, a avaliação do efetivo efeito das chuvas de agosto na cultura. A qualidade da produção colhida no mês foi em geral considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, durante o mês as colheitas decorreram com intensidade, encontrando-se cerca de 50% realizadas. A precipitação e a paragem das colheitas durante alguns dias causaram atraso e alguma pressão de sobrematuração, tendo-se verificado degradação de frutos que estavam em condições de serem colhidos antes da chuva. A possível antecipação dos campos mais jovens poderá agravar a sobrematuração até ao final da campanha. Em termos de produtividade, estima-se uma manutenção dos valores alcançados nos últimos anos, embora ainda se encontrem por colher os campos mais novos que estiveram sob pressão das temperaturas muito elevadas em julho, que poderão influenciar os valores finais. Em termos de qualidade da produção colhida, os níveis de grau *Brix* eram ligeiramente inferiores, o que estará relacionado com a produtividade e temperaturas mais elevadas. Os restantes parâmetros de qualidade encontravam-se semelhantes ao ano passado. Durante o mês não se verificaram limitações na disponibilidade de água para rega.

Na Grande Lisboa, a colheita do tomate para indústria teve início no final de julho e prosseguiu durante agosto. No final do mês encontrava-se colhida aproximadamente 50% a 55% da área plantada, prevendo-se a sua conclusão entre o final de setembro e os primeiros dias de outubro, em função da evolução das parcelas instaladas mais tardiamente. De um modo geral, as searas apresentaram bom estado vegetativo

até à maturação dos frutos, prevendo-se uma produção global próxima das expectativas e uma produtividade, nesta fase, semelhante à registada na campanha anterior. Contudo, a ocorrência de condições meteorológicas adversas no final do mês poderá ainda determinar alguma redução da produtividade, pelo que a estimativa deverá ser encarada com alguma reserva. A qualidade da produção foi condicionada pelas condições meteorológicas observadas, verificando-se, em algumas parcelas, sobrematuração e rachamento dos frutos. Foram igualmente registadas situações de menor teor de sólidos solúveis, com valores de grau *Brix* inferiores a 5 em algumas searas. Esta situação foi associada, em parte, a uma possível deficiência de potássio, relacionada com a lixiviação deste nutriente na sequência da precipitação intensa ocorrida durante o inverno. Atendendo ao avançado estado de desenvolvimento das plantas, não foram consideradas justificadas intervenções corretivas por via foliar. A precipitação ocorrida no final do mês, para além de ter interrompido temporariamente a colheita, poderá ter agravado as perdas de qualidade nas parcelas em estado mais avançado de maturação. O aumento dos custos de produção, designadamente dos combustíveis, energia e produtos fitofarmacêuticos, tem contribuído para um aumento significativo dos encargos com a cultura. A evolução do preço pago pela indústria não tem acompanhado, na mesma proporção, este aumento dos custos, constituindo uma preocupação para a sustentabilidade financeira da cultura e levando alguns produtores a equacionar a manutenção da atividade em futuras campanhas. Não se verificaram constrangimentos na disponibilidade de água para rega, tendo esta sido reforçada durante os períodos de temperaturas mais elevadas.

Na Península de Setúbal, a plantação de tomate para indústria teve início no princípio de abril, com um pequeno aumento da área plantada relativamente à campanha anterior. No final de agosto, de um modo geral, a cultura apresentava uma evolução favorável, apesar das consequências que a precipitação ocorrida no final do mês possa vir a causar na qualidade do fruto colhido. A campanha de colheita e a respetiva receção pela indústria iniciou-se nos primeiros dias do mês. No final do mês, encontrava-se colhida praticamente metade da área, prevendo-se a sua continuidade ao longo do mês de setembro. Dependendo da evolução da maturação dos frutos e das condições meteorológicas, a colheita poderá prolongar-se pelo mês de outubro. As perspetivas para a campanha mantêm-se favoráveis, estimando-se, nesta fase, uma produtividade ligeiramente superior à da campanha anterior, podendo sofrer alteração nomeadamente devido ao risco de perdas por podridões associado à precipitação ocorrida no final de agosto.

Pimento para indústria

Na Grande Lisboa, durante o mês prosseguiu a colheita de pimento destinado à indústria, abrangendo frutos verdes e vermelhos (*mix*). Prevê-se que a colheita termine no final de setembro ou início de outubro, incidindo nessa fase predominantemente sobre frutos de coloração vermelha. De um modo geral, a cultura manteve-se em produção, embora com registo de algumas podridões nos frutos, que poderão condicionar a qualidade da matéria-prima destinada à transformação industrial. Não se verificaram constrangimentos relativamente à disponibilidade de água para rega.

Girassol

No Oeste, a cultura apresentava um bom estado vegetativo e um desenvolvimento superior ao verificado no ano anterior. O ciclo vegetativo estava a aproximar-se do final, com as plantas a começarem a secar. O início da colheita está previsto para o final de setembro e a produção destina-se à alimentação humana (fabricação de óleos). Estima-se uma área de produção semelhante à do ano anterior, uma produtividade superior e uma boa

qualidade da produção. Verificou-se disponibilidade de água para a cultura praticada em sistema de regadio.

No Médio Tejo, ao longo do mês decorreram as colheitas, com algum atraso no período das chuvas, prevendo-se a sua conclusão em setembro. A produtividade verificava-se boa, mas um pouco mais baixa do que a estimada anteriormente. A qualidade foi considerada boa.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, a cultura encontrava-se em colheita. A interrupção de alguns dias devido à chuva causou algum atraso, prevendo-se a conclusão das colheitas durante o mês de setembro. As perspetivas de produtividade diminuíram ligeiramente em relação ao mês anterior, prevendo-se que sejam semelhantes às de um ano médio. O grão colhido apresentava boa qualidade.

Melão

Na Lezíria do Tejo, a maior parte do melão encontrava-se colhido. As plantações mais tardias tinham a colheita prevista para o final do mês, mas devido à chuva as mesmas atrasaram-se e irão decorrer apenas em setembro. As colheitas realizadas ao longo do mês correram bem. As produtividades foram mais elevadas do que no ano anterior e os frutos apresentaram boa qualidade. Em consequência da chuva, nas searas mais tardias previam-se perdas significativas de produção por não colheita e degradação dos frutos, e uma considerável diminuição da qualidade, pelo desenvolvimento de manchas na pele e podridão.

Na Grande Lisboa, no final do mês, deu-se por concluída a colheita do melão, iniciada nos últimos dias de julho. A produtividade obtida foi semelhante à registada na campanha anterior, embora tenha sido condicionada pelos danos provocados por roedores, nomeadamente texugos e ratos. Relativamente à qualidade verificou-se, em alguns frutos, a ocorrência de sobrematuração. Tal como referido em relatórios anteriores, na região *"a cultura do melão tem vindo a perder expressão, em consequência da elevada volatilidade dos preços pagos à produção."*

Colheita das culturas de batata de sequeiro e regadio: como decorreu; produção quanto aos aspetos de quantidade, rendimento e qualidade dos produtos

Batata de sequeiro

No Oeste, como referido no mês anterior, a colheita de batata de sequeiro ficou concluída em julho. A produtividade foi baixa, tendo sido condicionada à partida pelas circunstâncias desfavoráveis em que decorreu a instalação da cultura, designadamente o atraso nas plantações e o excesso de água nos terrenos. O tempo muito seco e quente durante o ciclo da cultura também comprometeu a produtividade e fez baixar as expectativas iniciais de vir a ser mais elevada do que no ano anterior (que foi um ano mau), o que de facto não se concretizou, situando-se semelhante ou ligeiramente inferior. A qualidade da produção foi fraca. Apresentou boas condições fitossanitárias, mas os calibres foram baixos e os tubérculos apresentaram deformações, depreciando o seu valor comercial.

Batata de regadio

No Oeste, durante o mês terminaram as colheitas de batata de regadio para consumo em fresco, instaladas em solos leves de areia (concelhos de Caldas da Rainha, Óbidos e Bombarral). A produtividade e a qualidade foram consideradas médias, mas superiores ao ano anterior. A colheita de batata para consumo em fresco e alguma para a indústria, instalada em solos mais

pesados (concelhos da Lourinhã e Torres Vedras) ainda não estava concluída no final do mês. A produtividade e a qualidade da produção já colhida mantiveram-se boas, bastante melhores do que no ano passado, embora em algumas plantações se tenha verificado uma redução dos calibres face à média dos anos anteriores.

Na Lezíria do Tejo e no Baixo Sorraia, as colheitas de batata para indústria decorreram sem interrupções. Durante o mês foi alcançado o equilíbrio dos ritmos de colheita com as necessidades do campo, encontrando-se ultrapassada a concentração de produção identificada no mês anterior. As colheitas já se encontravam bastante adiantadas prevendo-se a sua conclusão a meio de setembro. As expectativas de produção e qualidade diminuíram em relação ao mês anterior, verificando-se uma produtividade e uma qualidade média da produção colhida durante o mês, muito marcadas pelas temperaturas elevadas. Nos campos colhidos na segunda quinzena, verificou-se uma diminuição da produtividade devido aos calibres serem menores em resultado do calor que antecipou a cultura. Em termos de mercado, os preços fora da contratação com a indústria foram influenciados até determinado momento pelo excesso de batata armazenada em França, ainda da campanha anterior. À medida que terminou essa batata, houve uma tendência de maior equilíbrio dos preços do mercado livre com os do mercado de contratação. Durante o mês decorreram igualmente colheitas de batata para consumo em fresco, as quais se encontravam praticamente concluídas. De um modo geral, a produtividade e a qualidade foram médias. O calor intenso fragilizou muito as batatas, tendo-se verificado muito apodrecimento em armazém.

Na Península de Setúbal, a colheita de batata para consumo terminou em junho e a da batata para indústria em julho. Mantém-se o referido em relatório anterior: "*... a batata precoce, cuja sementeira tinha sido efetuada em fevereiro e março, teve problemas na implementação da cultura e no desenvolvimento inicial, devido às condições de precipitação intensa nessa fase. No final de junho a colheita encontrava-se praticamente concluída, permanecendo apenas algumas parcelas por colher. Os calibres obtidos foram bons, situando-se acima da média habitual. As produtividades foram superiores às da campanha anterior. Sendo os encargos desta cultura muito elevados e os preços pagos à produção muito baixos e com grandes oscilações ao longo da campanha, a rentabilidade da cultura está altamente comprometida. Na batata para indústria, a sementeira decorreu entre março e abril. A colheita iniciou-se durante este mês [junho], encontrando-se praticamente concluída [em julho]. A produtividade foi superior à da campanha anterior.*"

A cultura da batata estival, comum na Península de Setúbal, foi instalada a partir da segunda quinzena do mês e deverá estar concluída até meados de setembro. Prevê-se uma diminuição da área plantada relativamente à da campanha anterior. A colheita deverá ser efetuada entre dezembro e fevereiro.

De referir os elevados custos com gasóleo, energia, fertilizantes e produtos fitossanitários que têm aumentado exponencialmente nos últimos tempos, sobretudo desde a instalação da crise geopolítica no Médio Oriente. Este é um dos maiores desafios atuais para os agricultores em geral, ameaçando diretamente a sustentabilidade financeira do setor primário.

8 de setembro de 2026

DADOS METEOROLÓGICOS

	Alto Oeste	Baixo Oeste		Grande Lisboa	Península de Setúbal		Lezíria do Tejo	Baixo Sorraia	Médio Tejo	
Dados das estações meteorológicas (Fonte IPMA)	Alcobaça	Santa Cruz (Aeródromo)	Torres Vedras Dois Portos	Lisboa Instituto Geofísico	Setúbal	Pegões	Santarém	Coruche	Tomar Valdonas	Alvega
Temperatura máxima (ºC)	35,0	25,3	36,4	34,6	35,8	c)	40,5	38,9	42,3	43,0
Dia	17	8	16	16	16	c)	17	16	17	17
Valor médio da temperatura máxima (ºC)	28,2	23,5	28,1	28,7	29,8	c)	30,9	31,8	32,2	34,5
Temperatura máxima normal para a época (ºC)	27,0	–	27,8	28,8	30,7	31,9	31,5	32,2	–	33,8
Temperatura mínima (ºC)	9,4	9,6	11,1	16,0	11,4	c)	13,1	10,1	10,4	10,3
Dia	22	22	22	27	22	c)	28	22	28	22 e 28
Valor médio da temperatura mínima (ºC)	17,1	16,3	17,8	19,4	17,3	c)	17,6	15,7	17,2	15,5
Temperatura mínima normal para a época (ºC)	14,8	–	16,0	18,8	16,5	15,4	16,7	14,7	–	14,2
Temperatura média normal para a época (ºC)	20,9	–	21,9	23,8	23,6	23,7	24,1	23,4	–	24,0
Horas de frio	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a	n/a
Rajada máxima de vento (Km/h)	43,9	55,8	53,3	58,7	54,7	c)	61,6	49,3	45,7	48,2 [f]
Dia	24	26	27	26	27	c)	23	23	27	24
Número de dias com precipitação	7	5	6	5	b)	d)	5	6 [e]	5	6 [f]
Precipitação acumulada no mês (mm)	36,7	19,7	27,9	41,1	b)	d)	25,3	29,5 [e]	39,4	14,6 [f]
Precipitação normal para a época (mm)	12,7	–	5,6	5,4	3,2	4,2	5,3	4,9	–	6,3
Precipitação diária máxima no mês (mm)	19	8,6	10,5	17,6	b)	d)	12,2	9,7 [e]	22,7	6,8 [f]
Dia	23	27	23	23	b)	d)	23	23 [e]	23	27
Humidade relativa diária mínima (%)	30	54	30	34 [a]	28	c)	22	21	16	18 [f]
Humidade relativa diária máxima (%)	95	100	99	100	100	100	97	100	99	100

Notas:

Temperatura máxima normal para a época, Temperatura mínima normal para a época, Temperatura média normal para a época e Precipitação normal para a época: Normais Climatológicas 1991-2020 da respetiva estação.

a) Falha de dados no dia 24.

b) Falha de dados nos dias 23 a 25.

c) Falha de dados nos dias 4 e 5.

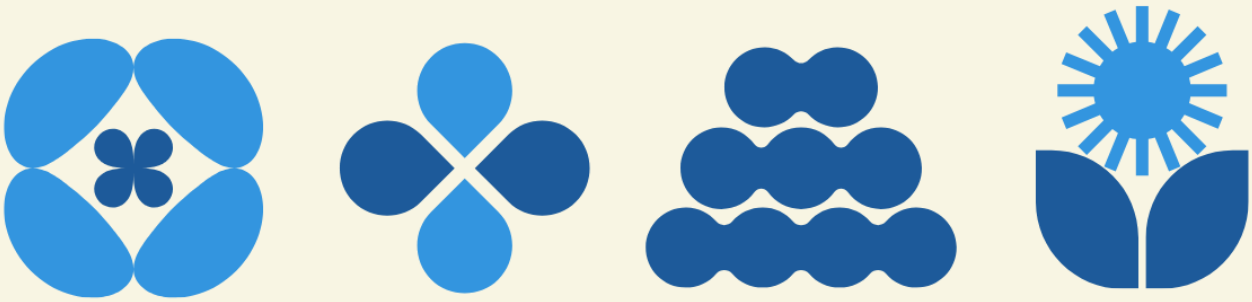
d) Falha de dados nos dias 4, 5 e 23 a 25.

e) Falha de dados no dia 5.

f) Falha de dados no dia 1 na estação meteorológica de Alvega, respeitantes à Precipitação acumulada, Vento Rajada Máxima e Humidade relativa diária mínima e máxima. Não se considera esta falha de dados relevante para o apuramento dos resultados registados na região.

— Sem dados

n/a – Não aplicável



CCDR DE LISBOA E VALE DO TEJO, I.P.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, Nº37
1250-009 LISBOA

TEL.: +351 213 837 100 GERAL@CCDR-LVT.PT WWW.CCDR-LVT.PT